

ECOLOGIA

JULIANA RODRIGUES LARROSA OLER

**PLANTAS TÓXICAS DO MUNICÍPIO DE
CANANÉIA - SP: UM ENFOQUE
ETNOBOTÂNICO.**



Rio Claro
2009

JULIANA RODRIGUES LARROSA OLER

PLANTAS TÓXICAS DO MUNICÍPIO DE CANANÉIA: UM ENFOQUE
ETNOBOTÂNICO.

Orientador: PROF.^a DR.^a MARIA CHRISTINA DE MELLO AMOROZO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Ecólogo.

Rio Claro
2009

301.3 Oler, Juliana Rodrigues Larrosa
O45p Plantas tóxicas do município de Cananéia - SP: um
enfoque etnobotânico /Juliana Rodrigues Larrosa Oler. - Rio
Claro - SP : [s.n.], 2009
52 f. : il., figs., gráfs., tabs., mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ecologia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências
Orientador: Profa. Dra. Maria Christina de Mello
Amorozo

1. Ecologia humana. 2. Conhecimento ecológico local. 3.
Plantas venenosas. I. Título.

*"Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!"
(Mário Quintana)*

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Maria Christina de Mello Amorozo, pela orientação, ensinamentos, amizade e pelo exemplo de profissional ética e competente.

Aos moradores de Cananéia, pelo compartilhamento dos saberes sobre as plantas, atenção e receptividade.

Às professoras Dr.^a Maria José O. Campos, Dr.^a Leila Cunha de Moura e Dr.^a Rosa Maria F. Cavalari pela amizade, apoio e pelas inúmeras aulas enriquecedoras.

Ao Prof. Dr. Reinaldo Monteiro, pela ajuda na identificação das plantas e divertidas conversas.

À entidade financiadora deste estudo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processo nº 2008/57189-0), pelo apoio financeiro.

Aos meus pais Edson e Rosi, e meu irmão Junior, pelo apoio incondicional, carinho e compreensão.

Ao meu noivo Davi Butturi-Gomes, pelas discussões geniais, ensinamentos, apoio e carinho.

Aos amigos do curso de Ecologia da turma ingressante em 2005, principalmente Carol, Thaís Neves, Tatiana Neves (as irmãs), Ivo, Élson e Pacífico pelo companheirismo e muitas gargalhadas.

À minha família de Rio Claro, Clarissa, Júlia, Maria, Rafa e Tom, pela eterna amizade.

RESUMO

Dentre as muitas áreas no Brasil nas quais comunidades locais desenvolvem conhecimento refinado sobre o ambiente onde habitam está o município de Cananéia, localizado no litoral sul de São Paulo. Cananéia apresenta uma história de ocupação humana muito antiga, sendo que atualmente o município conta com aproximadamente 12000 habitantes que sobrevivem basicamente do turismo e da pesca. Considerando a importância do conhecimento sobre a toxicidade das plantas este trabalho tem por intuito realizar um estudo etnobotânico com os moradores, sendo o foco da pesquisa o conhecimento dos moradores sobre as plantas tóxicas encontradas no local. Para amostragem, após viagem de campo preliminar para aproximação e reconhecimento da área, o município foi dividido segundo a intensidade de antropização em dois núcleos populacionais distintos, sendo: (A) Zona insular do município, mais antropizada e (B) zona continental, menos antropizada. Com o intuito de comparar o conhecimento nas duas áreas foram coletados dados (sociais e sobre as plantas) com os moradores através do método da “bola de neve” usando entrevistas semi-estruturadas. As espécies vegetais citadas foram coletadas, herborizadas e identificadas. Análises qualitativas e quantitativas foram realizadas com objetivo de estabelecer relações entre idade/sexo dos moradores e diversidade de espécies conhecida, formas de transmissão do conhecimento, diferenciações entre o conhecimento nas diferentes áreas, e elaboração da ordenação das plantas mais citadas. Foram entrevistados 90 moradores (47 ilha e 43 continente) que citaram um total de 137 etnoespécies. As comunidades das duas áreas são bastante parecidas, diferenciando-se principalmente pela ocupação e pelo uso das plantas tóxicas citadas. Na ilha foram entrevistados três informantes-chave, fato que não ocorreu no continente. Não foi encontrada diferença significativa entre a diversidade de plantas tóxicas conhecidas pelos moradores das duas áreas, no entanto, o conhecimento dos entrevistados das porções estudadas apresentou certa dissimilaridade. As plantas mais citadas nas duas áreas são reconhecidamente tóxicas e possuem ampla literatura sobre toxicidade, destacando principalmente as plantas ornamentais. Apesar da grande diversidade de plantas tóxicas conhecidas, é baixo o número de pessoas que sabem informar os sintomas de uma pessoa intoxicada e medidas de primeiros socorros, ficando evidente a necessidade de campanhas educativas no município.

Palavras-chave: Etnobotânica, plantas tóxicas, Cananéia.

ABSTRACT

Among several sites in Brazil, where the local human community develop a consistent knowledge on the environment they live, there is Cananeia local authority in south coast of Sao Paulo. The history of Cananeia is presented as an ancient human occupation, which, nowadays, culminates in 12000 habitants that survive from tourism and fishing. Considering the great importance of the knowledge about plant toxicity, the objective of this work is to develop a study with the residents and its focus is their acquaintance with toxic plants, which occur on contiguous areas. After a preliminary recognition field work, the local authority under study was subdivided into two areas for sampling, characterized by the different levels of human occupation: (A) Island area, more occupied, and (B) Continental area, less occupied. The semi-structured interviews were conducted in both areas according to the "snow ball" method, due to the specifically interest of making comparisons. The plant species cited in the interviews were collected, herborized and identified. One proceeded quali- and quantitative analysis in order to elucidate differences between the studied areas, to establish relations among age/sex of the habitants, the cited species diversity and the practice of knowledge transmission. Were carried out 90 interviews (47 in island, 43 in continent) in which the habitants have cited 137 ethno-species. Both communities are much alike, although the manly differences were presented by the occupation and the uses of the toxic plants. At the island, were interviewed three key-informers, this fact that has not happened at the continent. It was not noticed significant statistical difference between the diversity of toxic plants knew by the habitants of both areas, but a huge dissimilarity was found. The most cited plants, especially the ornamental ones, at both areas are scientifically recognized as toxic and these plants have been studied over the toxicity aspects already. Despite of the great diversity of knowledge found, the number of people who know to inform the symptoms of an intoxicated person and the first aid proceedings is low, which evidences the necessity of educative campaigns on the studied local authority.

Keywords: Ethnobotany, toxic plants, Cananeia.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	06
2. OBJETIVOS	13
2.1 Objetivos específicos	13
3. MATERIAL E MÉTODOS	14
3.1 Área de estudo	14
3.1.1 Aspectos físicos e biológicos	14
3.1.2 Aspectos históricos e sociais	15
3.2 Metodologia.....	16
3.2.1 Tratamento estatístico dos dados coletados.....	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
4.1 Características das comunidades estudadas.....	20
4.2 Espécies vegetais citadas	22
4.3 Etnobotânica	23
5. CONCLUSÃO.....	37
6. REFERÊNCIAS.....	38
7. APÊNDICES.....	46
7.1 Apêndice A: Plantas citadas – informações complementares I.....	46
7.2 Apêndice B: Plantas citadas – informações complementares II.....	49

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento local é o acervo cognitivo e também as práticas de seres sociais circunstanciados, ou seja, situados em e posicionados dentro de determinadas configurações geográficas e históricas. O entrelaçamento entre o conhecimento e a necessidade prática é o que torna o conhecimento local particularizado e, por isso mesmo, invisível e intraduzível para a ótica generalizada do Estado e da Ciência (DOULA, 2001).

O conhecimento ecológico local é aquele desenvolvido pelos moradores de determinado local sobre o ambiente em que vivem. Segundo Gadgil & Guha (1993) o conhecimento ecológico local é o conjunto de conhecimentos, práticas e crenças, desenvolvidos por processos adaptativos e passados entre gerações por transmissão cultural, sobre as relações dos seres vivos entre si e com o seu ambiente.

Segundo Hanazaki (2003), o conhecimento ecológico local pode ter importantes implicações para a conservação e o manejo e, principalmente, para o envolvimento de populações locais nos esforços de conservação da biodiversidade. Os argumentos relacionados ao conhecimento ecológico local devem ser cada vez mais conectados às discussões sobre conservação e manejo da biodiversidade, deixando de lado as idéias equivocadas de que populações humanas inevitavelmente têm um efeito deletério na natureza, bem como as imagens distorcidas de que populações locais sempre vivem harmonicamente com a natureza.

Os trabalhos da etnociência em seus vários ramos (etnobotânica, etnoictiologia, etnoecologia) em que o conhecimento ecológico local desempenha papel fundamental têm ganhado força no domínio científico (DIEGUES, 2000). A etnobotânica pode ser definida como o estudo contextualizado das interações entre pessoas e plantas, em sistemas dinâmicos (ALCORN, 1995). Estudos etnobotânicos são especialmente importantes no Brasil, uma vez que o território brasileiro conta com grande diversidade de ecossistemas e mais de 200 grupos étnicos diferentes. Tais estudos tornam-se ainda mais necessários na zona costeira brasileira, onde os

diversos ecossistemas que a compõem, como manguezal, restinga, mata atlântica e estuários vêm sendo fortemente impactados devido às atividades de especulação imobiliária e expansão urbana (FONSECA-KRUEL & PEIXOTO, 2004).

Apesar da relevância e contribuição dos trabalhos etnobotânicos para diferentes áreas, poucos estudos foram realizados abordando o conhecimento de diferentes comunidades sobre as plantas tóxicas que conhecem (OROZCO & LENTZ, 2005; CARNIELLO, 2007; NEUWINGER, 2004; VASCONCELOS *et al.* 2009).

Ao longo do tempo, as plantas tóxicas têm sido utilizadas de modo muito diverso. Em muitas regiões, as plantas tóxicas são importantes fontes de alimentos, são usadas como veneno de flechas para caça ou como veneno para peixes. A tradição do uso intencional de tais plantas remonta à Antiguidade. A ampla utilização é referida na Idade Média, com fins políticos, militares ou pessoais, como recurso em envenenamentos intencionais. Já no final do século XIX e início de século XX, muitas plantas tóxicas exerceram importante papel como fonte de substâncias ativas para o desenvolvimento de fármacos. Atualmente, o principal interesse em plantas tóxicas está relacionado com o potencial de causar intoxicações em seres humanos ou em animais. (SCHENKEL *et al.*, 2002).

Definir se uma planta é ou não tóxica faz emergir uma questão bastante complexa, pois vários aspectos devem ser considerados, como presença/ausência de substância tóxica, concentração da tal substância, suscetibilidade à ação da toxina, interação com outros fatores, etc. (HOEHNE, 1978).

Segundo Hoehne (1978) aplicar o termo “tóxico” a um vegetal é uma atribuição bastante vaga, porque cada um pode interpretá-la de um modo diferente. Certamente a interpretação de um químico ou um fisiologista é diferente da interpretação das pessoas leigas. O autor destaca que uma substância não deve, em toda e qualquer ocasião, ser considerada hostil a todo e qualquer indivíduo, sendo necessário avaliar todas as especificidades envolvidas. Em seu livro, o autor entende por plantas tóxicas “todas aquelas que, de um ou outro modo, ingeridas pelo animal ou pelo homem, podem aduzir danos que se refletem na sua saúde ou vitalidade; são ainda aquelas que podem concorrer para a degeneração física ou mental, quando usadas como remédio ou ingeridas por uma depreciação de apetite.”

Segundo Forsyth (1968), num sentido amplo, plantas tóxicas são aquelas que originam graves alterações na saúde dos animais suscetíveis a seus efeitos, que consomem pequenas quantidades de suas sementes, raízes ou órgãos aéreos. Haraguchi (2003) entende por plantas tóxicas todo o vegetal que, introduzido no organismo dos homens ou de animais domésticos, em condições naturais, é capaz de causar danos que se refletem na saúde e vitalidade desses seres. Elas ocasionam um desequilíbrio que se traduz no paciente como sintomas de intoxicação.

A classificação das plantas tóxicas pode ser feita adotando diferentes parâmetros, como a presença de toxinas, distribuição geográfica (distribuição regional), local de ação e /ou efeito da toxina, outras características botânicas, etc. No entanto, é importante lembrar que não existe um sistema de classificação adequado a todas as situações. Os veterinários, por exemplo, usam o sistema de classificação de acordo com o local de ação e/ou efeito da toxina (HARAGUCHI & GÓRNIAK, 2008).

Scavoni & Panizza (1981) classificam as plantas tóxicas de acordo com as substâncias nocivas nelas encontradas:

- Alcalóides: Dentre as plantas mais conhecidas, que contêm tais substâncias, estão a beladona (*Atropa belladonna* L.), pertencente à família Solanaceae, cultivada em vários locais do mundo como EUA, França e Itália para fins medicinais; e a esporinha (*Delphinium consolida* L.) pertencente à família Ranunculaceae que é bastante cultivada no estado de São Paulo para fins ornamentais. A intoxicação por tais plantas causa distúrbios neuropsíquicos, náusea, vômito, cefaléia, distúrbios gástricos, etc.

- Glicosídeos Cianogênicos: Entre as plantas mais populares que possuem tal substância está a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz). Pertencente à família Euphorbiaceae, a mandioca é amplamente cultivada no Brasil sendo muitas as variedades conhecidas. As concentrações de glicosídeos podem variar, sendo que a mandioca popularmente conhecida como mandioca-brava apresenta maior concentração e, geralmente, é a responsável pela intoxicação. A pessoa intoxicada apresenta náuseas, vômito, cólica, alterações respiratórias, tontura, convulsões, etc.

- Glicosídeos Cardiotóxicos: A espirradeira (*Nerium oleander* L.) e o chapéu-de-napoleão (*Thevetia peruviana* (Pers.) K. Shum.), ambas pertencentes à família

Apocynaceae, são plantas bastante cultivadas no Brasil para fins ornamentais e são ricas em tais substâncias. A intoxicação causa náusea, vômito, diarreia, cefaléia, tontura, sonolência, queda da pressão e arritmia cardíaca.

- Toxoalbuminas: A mamona (*Ricinus communis* L.), pertencente à família Euphorbiaceae, é facilmente encontrada em todo Brasil e apresenta grande concentração de tais substâncias, principalmente em sua semente. A intoxicação causa vômito, dores abdominais intensas, evacuações com sangue, que conduzem à desidratação e podem levar à morte.

- Glicoalcalóides: Destaca-se a solanina, substância tóxica que ocorre no gênero *Solanum* sp. (família Solanaceae). Várias espécies despertam o interesse toxicológico, entre elas a fruta-do-lobo (*S. lycocarpum* St. Hil.). A ingestão dos frutos imaturos causa náuseas, vômito, diarreia e discreta confusão mental, já o fruto maduro é inócuo e comestível.

- Interações complexas entre princípios ativos: muitas das plantas responsáveis por intoxicações possuem mecanismos complexos de ação que envolvem diversas substâncias e também fatores mecânicos. Por exemplo, a popular comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta* Schott), pertencente à família Araceae, é bastante comum nas residências do Brasil para fins ornamentais. A ingestão de qualquer parte da planta leva a intoxicação com irritação acentuada da mucosa bucal e da faringe, edema nos lábios, língua e gengivas, esofagite, vômito e cólica, além disso, o contato da planta com os olhos causa conjuntivite e edema nas pálpebras. Segundo o Programa Nacional de Informações sobre Plantas Tóxicas (2008) os mecanismos de toxicidade da *Dieffenbachia picta* Shott. estão relacionados com a presença de oxalato de cálcio e saponinas. Estudos mostram que os mecanismos de toxicidade desta espécie são múltiplos e incluem drusas e ráfides de oxalato de cálcio, associadas a lipídios, alcalóides e proteínas que ocorrem no interior de células presentes no parênquima de todos os órgãos, no colênquima caulinar e nos meristemas da raiz (SILVA & TAKEMURA, 2006; FERREIRA *et al.*, 2006).

Segundo Oliveira *et al.* (2003) as seguintes variáveis devem ser consideradas para qualificar uma planta como tóxica ou não: 1) As diferentes partes de uma planta que frequentemente contêm substâncias químicas distintas ou diferentes concentrações de uma mesma substância; 2) A idade das plantas e o estado de amadurecimento dos frutos que contribuem para a variação nas concentrações das

substâncias; 3) O clima e o solo, bem como as mudanças sazonais, que podem alterar a síntese de alguns compostos; 4) As constituições químicas diferentes que podem ser encontradas em variedades de uma mesma espécie; 5) As patologias vegetais e a predação por herbívoros, que podem induzir o vegetal a produzir substâncias que geralmente não produz, ou a aumentar a concentração de substâncias presentes; 6) As taxas de sensibilização a certos compostos vegetais, que variam de indivíduo para indivíduo; 7) A intoxicação, que pode estar limitada à quantidade de vegetal ingerida, ou à maneira de ingestão.

Muitos conceitos equivocados são disseminados a respeito das plantas tóxicas, entre eles destacam-se a existência de um instinto animal para não consumir plantas tóxicas e a relação entre toxicidade e a presença de latescência. (TOKARNIA *et al.*, 2000).

Os “acidentes” com plantas tóxicas são relativamente comuns, pois muitas são encontradas nas residências ou próximas delas, sendo que ocorrem principalmente com crianças (LADEIRA, 1981). Muitos dos acidentes ocorrem devido à similaridade entre plantas tóxicas e plantas alimentícias ou medicinais (FORSYTH, 1968; BRUNETON, 2001). Outro fator que pode levar à intoxicação é se o uso de determinada planta (alimentícia ou medicinal) requer uma preparação especial para que o composto tóxico seja destruído ou para diminuir a concentração do mesmo, o manuseio incorreto da planta pode levar à intoxicação.

Pinillos *et al.* (2003) destacam as dificuldades encontradas para o diagnóstico e tratamento das intoxicações por plantas tóxicas, pois em poucas ocasiões o intoxicado associa o sintoma com o que foi ingerido.

Poucos são os estudos encontrados sobre as plantas tóxicas, suas ações e tratamento (SCHVARTSMAN, 1979). A pesquisa sobre plantas tóxicas no Brasil tem se limitado, prioritariamente, à identificação das espécies tóxicas e à determinação dos sinais clínicos, da patologia e alguns aspectos da epidemiologia das intoxicações (MEDEIROS & RIET-CORREA, 2001). Um motivo pode ser a já citada dificuldade em se definir quais plantas podem ser consideradas tóxicas. A maior parte dos estudos está no campo da veterinária e zootecnia, voltando atenção para as plantas que geralmente intoxicam o gado bovino, suíno, eqüino e caprino (OLIVEIRA *et al.*, 2006).

A escassez de estudos sobre plantas tóxicas é ainda maior a partir do enfoque etnobotânico, o que justifica a realização desta pesquisa, já que o conhecimento local pode contribuir para o avanço de estudos com diversas abordagens sobre as plantas tóxicas.

Considerando que a flora brasileira apresenta uma grande variedade de espécies potencialmente lesivas ao ser humano (SCHVARTSMAN, 1991), e que muitas plantas ornamentais encontradas em jardins, residências, vasos e praças, quando ingeridas ou manipuladas, podem causar graves intoxicações, principalmente em crianças na faixa etária inferior a 5 anos de idade (PROGRAMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE PLANTAS TÓXICAS, 2008), estudos focados no conhecimento popular sobre as plantas tóxicas podem contribuir para diminuição dos casos de intoxicação através por exemplo da identificação de áreas prioritárias para o desenvolvimento de campanhas informativas.

Oliveira *et al.* (2003) afirmam que campanhas informativas mostram-se como as melhores maneiras de diminuir os casos de intoxicação. Material educativo deve ser distribuído para a população visando facilitar o reconhecimento das plantas pelo aspecto e pelo nome, mostrar os perigos que a ingestão e o manuseio descuidado podem trazer. Muitos autores apontam que erros na identificação das plantas são um dos principais fatores causadores de intoxicação (PINNILOS *et al.*, 2003; BRUNETON, 2001).

Oliveira *et al.* (2003) destacam também que as campanhas informativas devem fornecer informações sobre primeiros socorros e evidenciar que a eliminação das plantas nas residências não é uma medida eficiente para diminuição dos casos, pois tal iniciativa apenas contribui para tornar as pessoas, principalmente as crianças, alheias em relação aos perigos que as plantas podem trazer.

Analisando os dados sobre casos de intoxicação no Brasil pode-se chegar à falsa conclusão de que as intoxicações causadas por plantas são inexpressivas, apenas 1,63% do total de casos registrados no Brasil em 2006, segundo levantamento realizado pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas – SINITOX; no entanto, é importante destacar que esses números não devem ser considerados precisos, pois provavelmente muitos casos não são registrados devido à ineficiência do sistema de saúde (OLIVEIRA, 2003; SINITOX, 2009). Outro fator relevante a ser considerado é que 62,1% dos casos registrados

ocorreram com crianças de 0-9 anos e, em geral, esses casos são acidentais, o que reforça ainda mais a importância de campanhas informativas para prevenção dos casos de intoxicação.

Ao analisar tais questões, fornecer subsídios para a elaboração do material para uma campanha educativa (folders, cartazes, panfletos, material didático para escolas do município) mostra-se como uma boa opção de retorno para as comunidades do município de Cananéia, visando a divulgação dos resultados obtidos com intuito de contribuir para diminuição dos casos de intoxicação. É importante lembrar que, no contexto da pesquisa etnobotânica, retribuir a comunidade pelo acolhimento, respeito e ajuda na pesquisa, mas especialmente pelo compartilhamento do saber sobre as plantas, tem sido uma preocupação dos cientistas (PATZLAFF & PEIXOTO, 2009).

2. OBJETIVOS

O presente trabalho visa realizar um estudo etnobotânico com os moradores do Município de Cananéia - SP sobre as plantas tóxicas conhecidas e existentes na área.

2.1 Objetivos específicos

- Levantamento das plantas tóxicas conhecidas nas comunidades;
- Estabelecer relações entre idade/sexo dos moradores e diversidade de espécies conhecidas;
- Analisar as formas de transmissão do conhecimento (como o morador soube que a planta é tóxica e para quem transmitiu a informação);
- Comparar o conhecimento entre a área insular e a continental;
- Elaborar a ordenação das plantas mais citadas;
- Averiguar se, segundo a literatura, as plantas citadas apresentam toxicidade;
- Fornecer subsídios para elaboração de material informativo sobre as plantas tóxicas mais citadas.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de Estudo

3.1.1 Aspectos físicos e biológicos

O município de Cananéia pertence ao complexo estuarino-lagunar de Iguape-Cananéia, localizado no extremo sul do Estado de São Paulo, fazendo divisa com Estado do Paraná (SCHAEFFER-NOVELLI *et al.*, 1990)

Situa-se sobre uma planície costeira arenosa e é composto por um complexo sistema de canais entre quatro grandes ilhas: Ilha do Cardoso, Ilha de Cananéia, Ilha Comprida e Ilha de Iguape (BÉRGAMO, 2000).

O sistema recebe parte da drenagem do Rio Ribeira de Iguape, maior rio paulista que flui diretamente para o Oceano Atlântico. Essa bacia hidrográfica desempenhou importante função nos processos evolutivos da área durante o Quaternário (SUGUIO & TESSLER, 1992).

A Ilha de Cananéia, localizada no litoral sul do Estado de São Paulo, a 25° 00' 53" de latitude Sul e 47° 55' 36" de longitude Oeste, apresenta clima quente e úmido, com temperaturas médias anuais em torno de 21,4 °C e com precipitação anual média de cerca de 2.200 mm. A distribuição das chuvas é bastante irregular, mas de um modo geral o período mais chuvoso é entre dezembro e abril, com valores pluviométricos máximos entre janeiro e março. O período mais seco vai de maio a novembro, apresentando mínimas em julho e agosto (GOMES, 1995).

Os principais dados sobre o clima das ilhas são inferidos de dados obtidos pela estação meteorológica de Cananéia, base sul do Instituto Oceanográfico da USP. Destaca-se a influência de fatores locais como maritimidade, topografia acidentada e vegetação, conduzindo a particularidades meso e/ou microclimáticas (BARROS *et al.*, 1991).

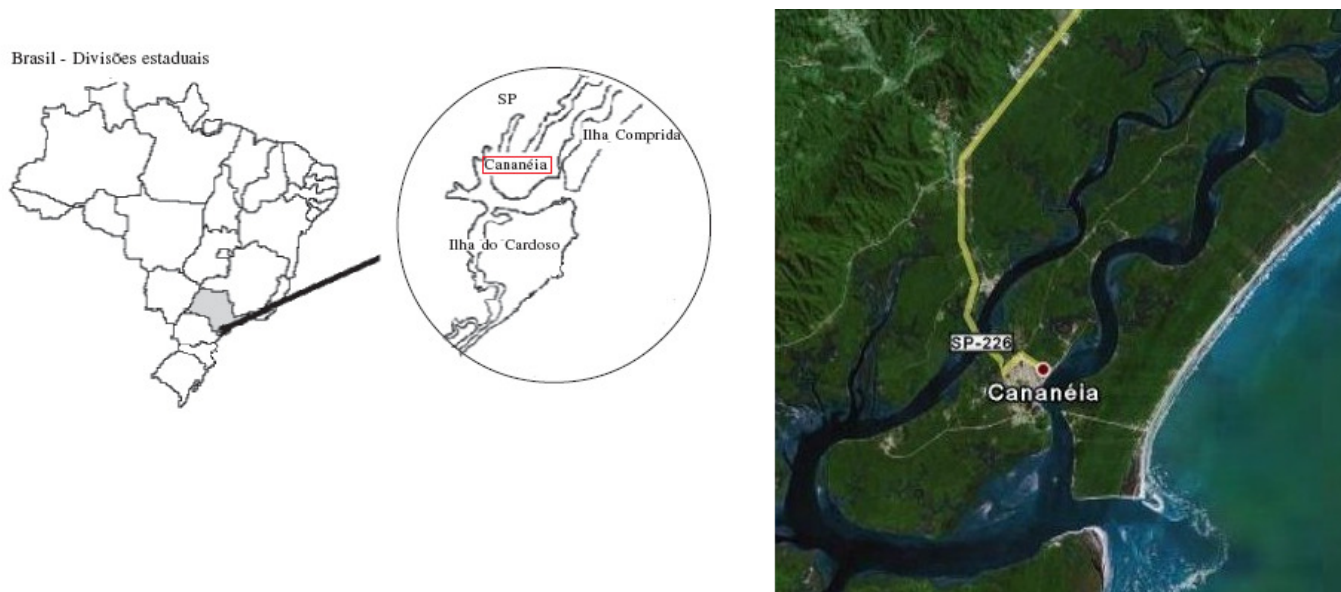


Figura 1. Localização do Município de Cananéia. Fonte: Adaptado de MIRANDA & HANAZAKI, 2008; GOOGLE EARTH, 2008)

3.1.2 Aspectos históricos e sociais

A história de vida humana em Cananéia é bastante antiga. No município são encontrados sambaquis que através de datações mostram a ocupação humana da área há mais de 3000 A.P. – (antes do presente) (GOMES, 1995).

O povoado que deu origem à cidade de Cananéia (primeira cidade brasileira, criada em 1587) localizava-se inicialmente na Ilha Comprida. Em quase todo período de povoamento as atividades agrícolas limitavam-se à cultura de subsistência (PETRONE, 1966).

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2000) Cananéia conta atualmente com uma população de aproximadamente 12300 habitantes, sendo que 82% dessa população vive na zona urbana. Possui uma IDH de 7,75, situação intermediária em relação aos outros municípios do Estado.

A região sofre com a estagnação sócio-econômica a que foi submetida ao longo das últimas décadas causada pelo abandono por parte do poder público. Alguns autores afirmam que, em contrapartida, tal abandono foi responsável pelo atual grau de conservação dos recursos naturais da região (GOMES, 1995).

3.2 Metodologia

Na realização de um projeto piloto constatou-se o uso do termo “planta venenosa” pelos moradores da Ilha do Cardoso para designar plantas tóxicas. Na viagem de campo preliminar para aproximação, o uso de tal termo foi confirmado também no Município de Cananéia, logo foi utilizado durante as entrevistas. Segundo Ming (2006) um estudo preliminar para conhecimento e/ou uma primeira visita informal pode suprir informações para elaboração da metodologia.

Também no campo preliminar, através de observação participante (VIERTLER, 2002), com o intuito de comparar o conhecimento das diferentes áreas (BEGOSSI, 1996), o município foi dividido segundo a intensidade de antropização em duas áreas distintas, sendo: (A) Zona insular do município - mais antropizada, representada pela Ilha de Cananéia, onde ocorre uma ocupação urbana mais antiga, localiza-se a sede do município e há maior concentração populacional e (B) zona continental - menos antropizada, que apresenta características opostas ao núcleo (A), representada pelos bairros continentais do município. É importante lembrar que foram elaboradas também categorias comparativas (sexo, idade, etc.) para poder confrontar o conhecimento das duas áreas. (MING, 2006; ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006).

Para análise das plantas citadas nas diferentes áreas foram utilizadas categorias comparativas êmicas (parte tóxica, forma de intoxicação, cultivo e uso) e éticas (hábito). Interpretações êmicas refletem categorias cognitivas e lingüísticas das comunidades estudadas, enquanto interpretações éticas são as desenvolvidas pelos pesquisadores (POSEY, 1992).

As informações referentes aos entrevistados e às plantas tóxicas foram coletadas através de entrevistas semi-estruturadas (VIERTLER, 2002). Um roteiro básico preliminar da entrevista foi elaborado contendo questionamentos para caracterização do morador (nome, idade, sexo, local de nascimento, tempo de residência em Cananéia, ocupação) e para caracterização das plantas (nome, onde pode ser encontrada, como se dá o envenenamento e se este é comum, qual parte é venenosa, para quais animais é venenosa, quais os sintomas apresentados pela pessoa envenenada, como ficou sabendo e para quem informou que a planta é venenosa, tratamento, maneira de retirar o veneno).

A amostra foi definida a partir do método “bola de neve” (BAILEY, 1982; PATTON, 1990; COTTON, 1996; PINHEIRO, 2003). No critério de amostragem por “bola de neve” a inclusão progressiva dá-se a partir de um primeiro informante encontrado “ao acaso” que indicará uma pessoa que tem grande conhecimento sobre plantas que será o primeiro entrevistado, após a entrevista pede-se que este indique uma nova pessoa também conhecedora das plantas e o processo repete-se a partir dos novos incluídos formando uma rede (SILVANO, 2001).

Para coleta do material vegetal, foi utilizada a metodologia sugerida por Ming (1996). O material foi herborizado e identificado segundo a classificação taxonômica clássica com o auxílio do Professor Doutor Reinaldo Monteiro do Departamento de Botânica da UNESP- Rio Claro, que desenvolve pesquisas na área de Sistemática Vegetal. Após a identificação, uma pesquisa bibliográfica foi realizada em livros e também no portal de periódicos da CAPES e portal da pesquisa, pois ambos possuem diversas bases de dados e possibilitam a escolha das mais adequadas ao tema. Tal pesquisa tem por intuito buscar informações sobre a toxicidade das plantas citadas.

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Biociências da UNESP- Rio Claro e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado por todos os participantes deste estudo, visando a autorização dos moradores para entrevistas e coletas, e a transferência do devido esclarecimento sobre a pesquisa (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006) conforme exigência do Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96).

3.2.1 Tratamento estatístico dos dados coletados

Todos os dados coletados foram analisados estatisticamente utilizando a plataforma R (R Development Core Team, 2009).

Estas análises quantitativas foram compostas pela aplicação do teste do Qui-quadrado para comparar as características socioeconômicas entre as áreas estudadas, a partir do número de entrevistados para cada descritor socioeconômico. Estas covariáveis foram sexo, idade (≤ 50 , 51-60, 61-70, 71-80 ou ≥ 81 anos), tempo de residência no local (≤ 20 , 21-40, 41-60 ou ≥ 61 anos), ocupação (dona de casa, lavrador, aposentado ou outras) e origem (local ou externa) dos entrevistados. Vale

ressaltar que “origem local” designa as pessoas nascidas no município de Cananéia, e “origem externa” os moradores nascidos em outras localidades.

Também foram utilizados para comparar a covariável botânica hábito (herbáceo, arbustivo, arbóreo e trepadeira), e as covariáveis etnobotânicas cultivo (cultivada e espontânea) e uso das plantas tóxicas (medicinal, alimentar, ornamental, apenas tóxica), a partir do número de plantas para cada descritor. Todos os testes de Qui-quadrado (particionados em tabelas de contingência 2x2) foram realizados segundo o nível de significância $\alpha=0,05$ (ZAR, 1999).

Foram utilizados índices de diversidade de Shannon-Wiener (H') e de Simpson ($1/D$); de equitabilidade de Shannon-Wiener (E) e de Simpson ($E_{1/D}$) (PIELOU, 1977; MAGURRAN, 1989; KREBS, 1998; ZAR, 1999). Conforme realizado em outros trabalhos (MIRANDA & HANAZAKI, 2008; HANAZAKI *et al.*, 1996) os índices de diversidade foram calculados com base nas etnoespécies citadas.

Em etnobotânica o uso de medidas de diversidade (riqueza, equitabilidade e índices de Simpson e Shannon) permite comparações objetivas entre o conhecimento etnobotânico de diferentes comunidades, ou entre diferentes subgrupos dentro de uma mesma comunidade, como entre homens e mulheres e entre diferentes categorias etárias (BEGOSSI, 1996). O uso de tais índices é bastante comum nos trabalhos etnobotânicos como pode ser observado em Hanazaki *et al.* (1996), Amorozo (2002), Pinto *et al.* (2006) e Miranda & Hanazaki (2008).

Conforme realizado em inúmeros trabalhos (MIRANDA & HANAZAKI, 2008; AMOROZO, 2002), comparações estatísticas entre pares de índices de Shannon-Wiener foram feitas com a utilização do teste t de Hutcheson (MAGURRAN, 1989; ZAR, 1999).

O esforço da amostragem foi avaliado com base em curvas de rarefação (MAGURRAN, 1989; KREBS, 1998) calculadas utilizando o número de citações de cada etnoespécie e também o número de entrevistas (BEGOSSI, 1996; AMOROZO, 2002; PINTO *et al.*, 2006; MIRANDA & HANAZAKI, 2008).

Com relação aos dados referentes à ausência / presença das espécies vegetais citadas nas diferentes áreas, foi empregado o coeficiente de similaridade de Sørensen (KREBS, 1998). O índice de similaridade permite verificar o quanto do

conhecimento sobre plantas tóxicas é similar entre as áreas, comparando-se o número de citações de espécies comuns entre as mesmas.

Foram também realizadas análises multivariadas (VALENTIN, 2000; PERONI, 2002; MANLY, 2005) através de agrupamentos, com intuito de verificar a existência de similaridades quanto ao conhecimento sobre as plantas tóxicas entre os informantes das comunidades insulares e continentais. Os agrupamentos consistem em reconhecer entre unidades amostrais um grau de similaridade suficiente para reuni-los num mesmo conjunto (VALENTIN, 2000). Análises de agrupamento mostram-se bastante promissoras em estudos etnobotânicos, principalmente no entendimento do conhecimento dos moradores sobre plantas e, quando utilizadas adequadamente, podem elucidar minúcias e sutilezas presentes nas relações entre grupos humanos e os recursos vegetais (MIRANDA & HANAZAKI, 2008). Neste trabalho, cada entrevistado representou uma unidade amostral. O agrupamento foi construído a partir de uma matriz de presença e ausência da citação de cada planta por entrevistado, e foi efetuado através do coeficiente de similaridade de Sørensen, devido à natureza binária dos dados, a não consideração das duplas-ausências, por dar peso àquilo que está realmente presente na amostra (VALENTIN, 2000; MANLY, 2005) e, do método UPGMA.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Características das comunidades estudadas

Foram entrevistados 47 moradores em diferentes bairros da porção insular do município de Cananéia e 43 moradores de comunidades distintas da porção continental. As mulheres representam a maioria dos entrevistados na ilha e do continente (91,5% e 76,7% respectivamente). Por meio do teste do Qui-Quadrado, não foi notada diferença estatisticamente significativa para o sexo dos entrevistados quanto ao local do estudo ($\chi^2=3,72$; 1 GL; $p=0.0539$). O mesmo ocorreu com a covariável idade ($\chi^2=3,33$; 4 GL; $p=0.50$)

Entretanto, para tempo de residência no local, apesar do teste de independência ter sido não significativo ($\chi^2=7,13$; 3 GL; $p=0.068$), o teste particionado indicou, com diferença significativa ($\chi^2=5,98$; 1 GL; $p=0.0145$), que mais entrevistados do continente moravam de 21 até 40 anos no local, comparando-se com os dados da ilha. Isto se deve à maior quantidade, no continente, de moradores com menos de 50 anos de idade (30,2%).

Para a covariável origem dos entrevistados foi notada diferença estatisticamente significativa quanto ao local de estudo ($\chi^2=4,28$; 1 GL; $p=0.0385$). Na porção continental é maior o número de pessoas que não nasceram no município de Cananéia, no entanto, 77,3% das pessoas com origem externa vieram de localidades próximas.

Pode-se notar que apesar de grande parte dos entrevistados da ilha ter mais de 60 anos (63,8%), a quantidade de moradores que reside no local há menos de 20 anos (23,3%) é considerável. Ao analisar a origem de tais moradores nota-se que mais de 60% nasceram em Cananéia ou municípios próximos, evidenciando assim o retorno ao local de origem após a aposentadoria. A maior parte dos moradores nascidos em outras localidades reside há mais de 20 anos no município (61,5%). (Tabela 1.)

Tabela. 1 – Características sócioeconômicas dos 90 entrevistados nas comunidades insulares e continentais do município de Cananéia, Brasil.

Dados sócioeconômicos		Comunidades insulares	Comunidades continentais
Sexo	masculino	8,5%	23,3%
	feminino	91,5%	76,7%
Faixas etárias	≤ 50 anos	14,9%	30,2%
	51 a 60 anos	21,3%	20,9%
	61 a 70 anos	34,0%	25,6%
	71 a 80 anos	27,7%	20,9%
	≥ 81anos	2,1%	2,3%
Origem	local	72,3%	48,8%
	externa	27,7%	51,2%
Tempo de residência no local	≤ 20 anos	23,3%	9,3%
	21 a 40 anos	21,3%	44,2%
	41 a 60 anos	27,7%	27,9%
	≥ 61anos	27,7%	18,6%
Médias	idade	63,4±11,6	58,9±14,5
	tempo de residência	43,7±22,1	41,9±18,5
Ocupação	dona de casa	85,1%	48,8%
	outras	14,9%	51,2%
Origem do conhecimento*	transmissão oral		
	mais velhos	68,1%	69,8%
	amigos, vizinhos	36,7%	34,9%
	outros		
livros, televisão, internet	12,6%	11,6%	
Passagem do conhecimento	transmissão oral		
	crianças	66,0%	65,9%
	amigos, vizinhos	34,0%	46,3%
	não transmitiu	0,0%	4,7%
Números absolutos	Entrevistas	47	43

* valores que ultrapassam 100%, pois alguns entrevistados citaram mais de uma origem do conhecimento

Para 85,1% dos entrevistados da porção insular, a principal atividade são os trabalhos domésticos (donas de casa), sendo que entre os 14,9% restantes estão aposentados, comerciantes e funcionários públicos. No entanto, na porção continental, apenas 48,8% dos entrevistados dedicam-se às atividades domésticas. Entre os 51,2% restantes estão vendedores, funcionários públicos e, principalmente, lavradores (40,91% do restante).

Para o indicador “ocupação” dos informantes, foi rejeitada a hipótese de independência ($\chi^2=16,77$; 3 GL; $p=0.0008$). A diferença entre ilha e continente, com relação a essa covariável de estudo, se deu principalmente devido à presença de lavradores na área continental ($\chi^2 = 10,93$; 1 GL; $p = 0.0009$) e à maioria de donas de casa na ilha ($\chi^2 = 13,53$; 1 GL; $p = 0.0002$). A área continental, por ser menos antropizada, disponibiliza lugares para o cultivo da terra, tornando mais expressivo o número de lavradores.

A transmissão oral de conhecimentos foi a fonte mais citada para origem do conhecimento sobre plantas tóxicas pelos entrevistados, tanto na ilha quanto no continente, sendo que a passagem de conhecimento dos mais velhos para os mais jovens, principalmente familiares (pais e avós) foi a mais representativa.

Já para passagem do conhecimento, os entrevistados da ilha e do continente apontaram as crianças, principalmente familiares (filhos e netos), como principais receptores. Dessa forma, a passagem do conhecimento que possuem ocorreu totalmente por transmissão oral. A transmissão de conhecimento feita de geração para geração oralmente é característica marcante do conhecimento ecológico local (GADGIL & GUHA, 1993).

Vale destacar que os valores encontrados ultrapassam 100%, pois alguns entrevistados citaram mais de uma origem/passagem para o conhecimento.

4.2 Espécies vegetais citadas

Foram identificados 129 táxons no total. Na ilha, foram identificados 75 táxons (27 identificados até gênero e 48 espécies) pertencentes a 41 famílias botânicas. Já no continente, foram identificados 54 táxons (23 identificados até gênero e 31 espécies) pertencentes a 30 famílias botânicas. (Apêndice A)

Com relação ao hábito das espécies identificadas, o teste do Qui-Quadrado não apontou dependência com os locais de estudo ($\chi^2 = 0,63$; 3 GL; $p=0,889$), sendo que as plantas herbáceas e arbustivas foram mais representativas nas duas áreas.

Araceae e Euphorbiaceae foram as famílias mais representativas. Oliveira *et al.* (2003) também encontraram, em seus levantamentos, Araceae e Euphorbiaceae como as mais representativas entre as espécies tóxicas. Consultando o Programa Nacional de Informações sobre Plantas Tóxicas também se pode observar a relevância de tais famílias (SINITOX, 2009). (Tabela 2.)

Tabela 2. Características botânicas das plantas citadas pelos moradores do município de Cananéia, Brasil.

Dados botânicos		Comunidades insulares		Comunidades continentais	
Forma de identificação	coleta	48,8%		21,5%	
	<i>in loco</i>	36,6%		50,8%	
	literatura	6,1%		10,8%	
	não identificadas	8,5%		16,9%	
Hábito	arbóreo	12,2%		9,2%	
	arbustivo	36,6%		29,2%	
	hebéceo	36,6%		38,5%	
	trepadeira	6,1%		6,2%	
	não identificada	8,5%		16,9%	
Famílias Botânicas	Apocynaceae	6,7%	Apocynaceae	3,7%	
	Araceae	16,0%	Araceae	16,7%	
	Euphorbiaceae	9,3%	Euphorbiaceae	13,0%	
	Fabaceae	4,0%	Fabaceae	3,7%	
	Lamiaceae	4,0%	Lamiaceae	3,7%	
	Malvaceae	1,3%	Malvaceae	7,4%	
	Ruscaceae	4,0%	Ruscaceae	3,7%	
	Outras	52,0%*	Outras	37,0%**	
Números absolutos	Famílias Botânicas	41		30	
	Plantas identificadas	75		54	
	até genero	27		23	
	espécie	48		31	
	não identificadas	7		11	

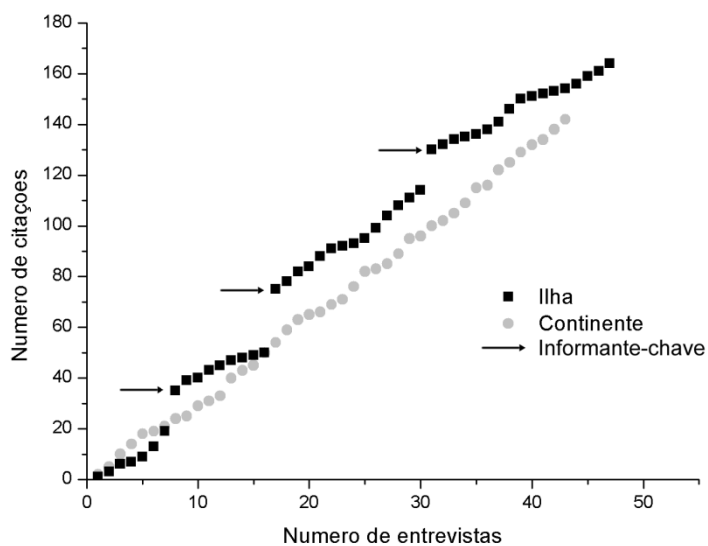
* Incluindo 5 famílias com 2,7% e 29 famílias com 1,3% das espécies citadas, não considerando plantas não identificadas

** Incluindo 20 famílias com 1,8% das espécies citadas, não considerando plantas não identificadas

4.3 Etnobotânica

Os 47 entrevistados da ilha citaram 93 etnoespécies, com total de 164 citações e média de $3,5 \pm 4,4$ citações por entrevista. Este desvio padrão maior do que a média pode ser explicado pela presença de poucos entrevistados que fizeram muitas citações (2 com 16 citações e 1 com 25 citações), desta forma podem ser considerados como informantes-chave. Tais informantes, também chamados de especialista locais, são excelentes conhecedores das plantas do local que habitam (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004).

Os informantes do continente citaram 58 etnoespécies, com total de citações de 142 e média de $3,3 \pm 1,6$. O baixo desvio padrão indica ausência de informantes-chave (Figura 2.)



Por meio da técnica da rarefação, foram construídas as curvas do número esperado de etnoespécies por citação para ambas as áreas estudadas. (Figura 3.)

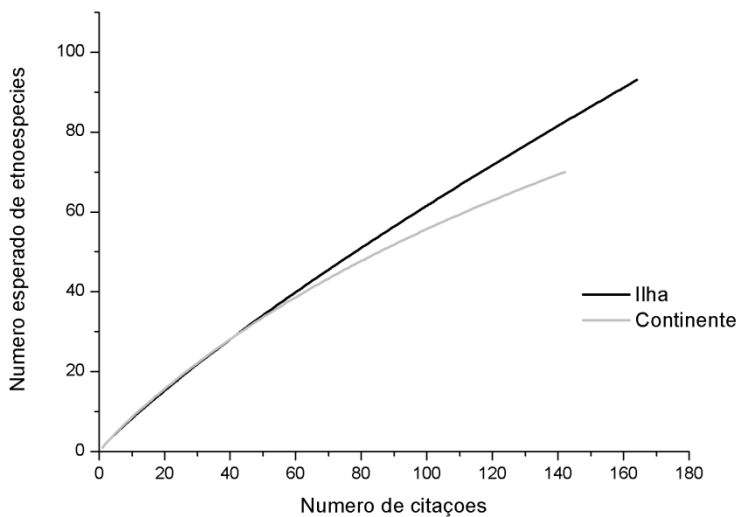


Figura 3. Curvas de rarefação citações x etnoespécies

Esse tipo de gráfico é válido para se comparar a riqueza entre locais de estudo; entretanto, para este trabalho, o número de citações não constitui o verdadeiro esforço amostral, que, efetivamente, se dá em número de entrevistas.

Assim, foi realizada uma regressão linear para conversão das citações em entrevistas. (Figura. 4)

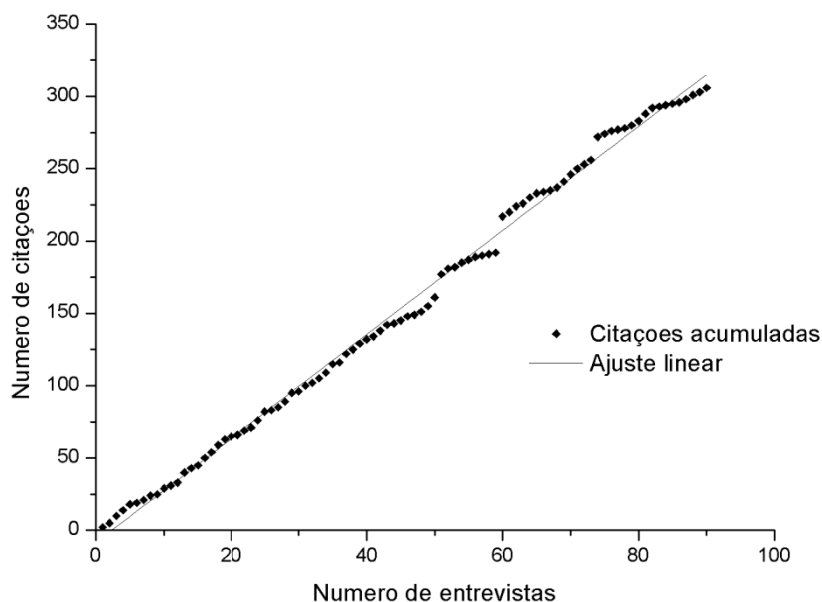


Figura. 4 – Regressão linear para conversão das citações em entrevistas

A equação da reta obtida foi:

$$\text{Número de entrevistas} = \frac{(\text{Número de citações} + 8,4015)}{3.5949} \quad (1)$$

com coeficiente de correlação de Pearson $r = 0,97793$ e desvios padrões de 1,28 e 0,024 para o intercepto e para o coeficiente angular, respectivamente.

Utilizando a equação (1), foi então calculado o número estimado de entrevistas necessário para que se obtivesse um dado número de citações. Substituindo-se esses valores na curva rarefação, foi possível visualizar as novas curvas de número esperado de etnoespécies na Ilha e no Continente pelo número de entrevistas, que é o verdadeiro esforço amostral.

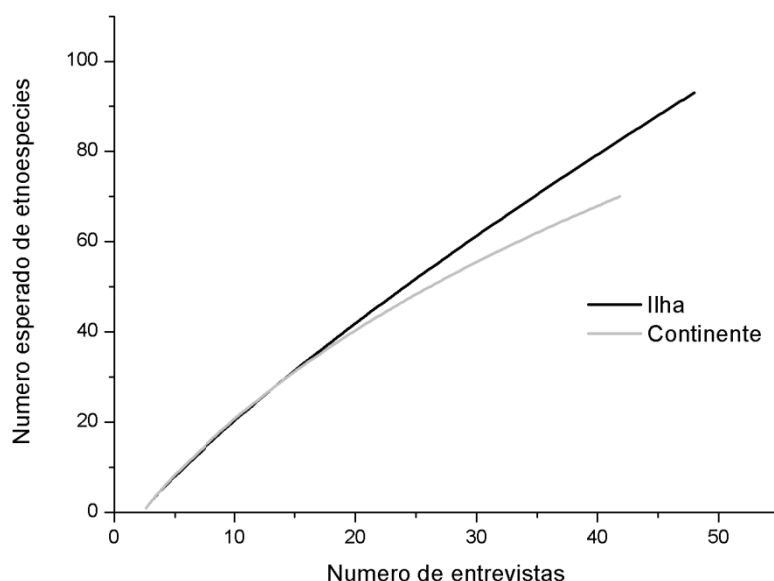


Figura. 5 – Curvas de rarefação entrevistas x etnoespécies

Pode-se observar que, apesar do grande número de entrevistas (47 na ilha e 43 no continente), não houve suficiência amostral, sobretudo na ilha que apresenta maior riqueza de etnoespécies.

O índice de diversidade de Shannon (H') computado (base e) para os dados coletados na ilha e no continente foram, respectivamente, 3,852 e 3,765, com equitabilidades (E) de 0,85 e 0,886.

Na tabela 3 constam os mesmos índices para as comunidades de Ponta do Almada (Hanazaki *et al.*, 1996), Pereirinha-Itacuruçá, Cambriú-Foles e Naufragados (Miranda & Hanazaki, 2008). Tais trabalhos foram realizados no litoral do Sul/Sudeste do Brasil, áreas relativamente próximas ao local deste estudo. É importante destacar que, como não existem trabalhos etnobotânicos sobre plantas tóxicas que abordem diversidade, a comparação é feita com os valores referentes à diversidade total de cada área estudada.

Tabela 3. Comparação entre os índices de diversidade das áreas estudadas com outros trabalhos realizados no litoral.

	Shannon (H')	Simpson ($1/D$)
Cananéia - Ilha - tóxicas	3,852	14,975
Cananéia - Continente - tóxicas	3,765	19,277
Ponta do Almada - total*	3,914	70,35
Pereirinha-Itacuruçá - total*	4,697	85,42
Cambriú-Foles - total*	4,214	46,95
Naufragados - total*	4,375	57,85

* H' calculados na base 10 no trabalho original e convertidos para base e

O teste t de Hutcheson indicou não existir diferença significativa entre os dois locais de estudo ($t=0,622$; 301 GL). Desta forma, fica evidente que a diferença quanto à antropização das áreas não gera alteração significativa na diversidade de plantas tóxicas conhecidas em cada local.

Apesar da alta diversidade e da ausência de diferença significativa entre as áreas, não se pode afirmar que os moradores das duas áreas possuem conhecimento similar, já que o índice de Shannon (H') mede a “quantidade” e não a “qualidade” de tal conhecimento, sendo bastante influenciado pela riqueza de espécies. Desta forma, fica evidente a necessidade de outras análises complementares.

O índice recíproco de diversidade de Simpson ($1/D$) foi 14,975 e 19,277 para Ilha e Continente, respectivamente. As equitabilidades ($E_{1/D}$) registradas pra esses índices foram 0,161 e 0,275.

Comparando com os outros estudos apresentados na Tabela 3 os valores de H' e $1/D$ encontrados nas duas áreas de Cananéia são consideravelmente menores. Esta diferença pode ser explicada se considerarmos que o índice de Simpson é pouco influenciado pela presença de espécies com poucas citações, ou seja, as comunidades insulares e continentais de Cananéia conhecem muitas espécies de plantas tóxicas, no entanto, poucas são as pessoas que conhecem a maior parte dessas espécies. Já nas comunidades estudadas por Hanazaki *et al.* (1996) e Miranda e Hanazaki (2008), a riqueza é grande e também o número de pessoas que conhecem as mesmas espécies.

Do total de 137 etnoespécies citadas 69 foram encontradas exclusivamente na ilha, 43 no continente e apenas 25 etnoespécies foram comuns às duas áreas. A similaridade de *Sørensen* entre as áreas é de 0,309, o que evidencia certa dissimilaridade entre as plantas conhecidas em cada comunidade.

As plantas encontradas nas duas áreas são principalmente espécies ornamentais, como *Dieffenbachia* spp., *Caladium bicolor* L., *Colocasia* sp. etc., e plantas medicinais amplamente utilizadas e com alguma restrição de uso, entre elas *Aloe* sp., *Symphytum* sp. e *Polygonum* sp. Dentre as plantas citadas apenas no continente, estão principalmente as classificadas como “apenas tóxicas”, já na ilha as plantas são principalmente ornamentais.

A utilização para ornamentação foi a categoria de uso mais representativa tanto na ilha quanto no continente. Oliveira *et al.* (2003) destacam que muitos acidentes com plantas tóxicas são causados pela facilidade de acesso a tais plantas, já que muitas ornamentais são altamente tóxicas. Para a covariável etnobotânica “uso das plantas”, o teste do Qui-Quadrado apontou dependência com relação ao local de estudo ($\chi^2 = 10,40$; 4 GL; $p=0,022$), que se deu principalmente devido às citações de plantas tóxicas no continente ($\chi^2 = 9,67$; 1 GL; $p=0,0019$). Para a covariável etnobotânica “cultivo das plantas” foi aceita a hipótese de independência com relação ao local de estudo ($\chi^2 = 1,67$; 1 GL; $p=0,196$).

Tal fato pode ser explicado pelo maior contato dos moradores do continente com áreas naturais pouco alteradas, já que todas as plantas citadas como “apenas tóxicas” são espontâneas. (Figura 6; Figura 7).

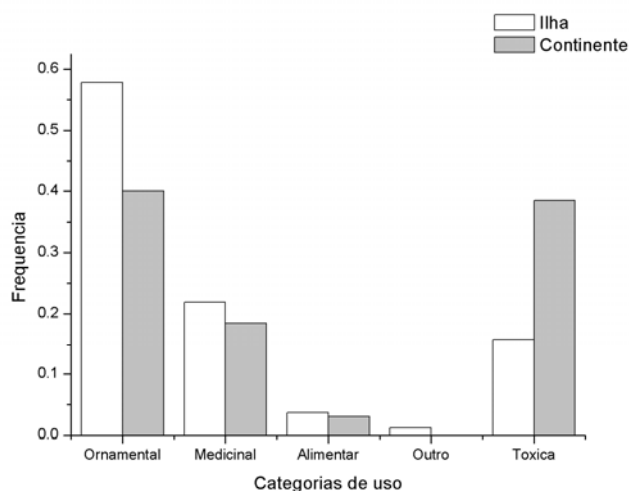


Figura 6. – Frequência de plantas nas diferentes categorias de uso.

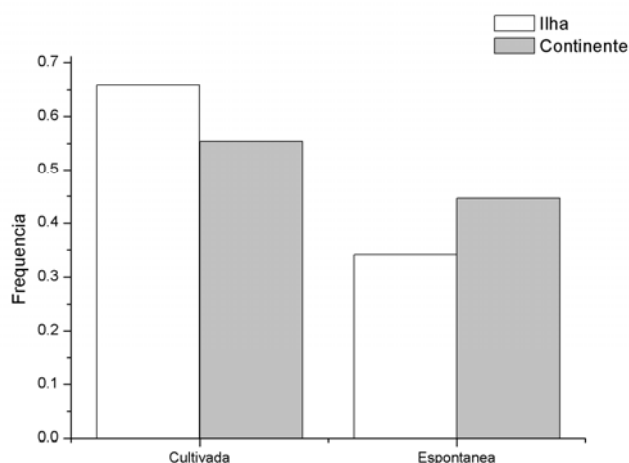


Figura 7. – Frequência de plantas nas diferentes categorias de cultivo.

Na análise de agrupamento realizada, os entrevistados foram classificados segundo as plantas por eles citadas. A qualidade do agrupamento (grau de deformação) é medida pelo coeficiente cofenético, que é simplesmente o coeficiente de correlação linear entre a matriz de distância original e a matriz de distância criada a partir do agrupamento. Quanto mais próximo de 1,0, melhor a qualidade do agrupamento, ou seja, menor será a distorção. Obviamente há sempre certo grau de distorção, mas a literatura considera aceitável um coeficiente cofenético superior a 0,8. (VALENTIN, 1995). O coeficiente cofenético obtido nesse estudo foi de 0,887.

No geral a similaridade entre os entrevistados é pequena, pois não existe uma separação nítida de grupos. No entanto, pequenos grupos são formados (geralmente por 2 entrevistados) apresentando alto grau de similaridade.

Os grupos A – IC058, IC059; B – IC061, IC062; C – IC065, IC066 e D – IC087, IC088 possuem relação de parentesco, o que evidencia a importância de tais laços para a transmissão do conhecimento no continente. O grupo E – II046, II047 é influenciado pela relação proximidade entre vizinhos/amigos. É importante destacar que o informante II047 foi indicado pelo II046. Os grupos F – II029, II054; G - II012, II056, H – II032, IC069e I- II013, IC043 apesar de possuírem conhecimento similar, não apresentam nenhuma relação. Já o grande grupo J – II005, II015, II016, II017, II023, II024, II035, II050, II051, II052, II053, IC041, IC044, IC077 representa as pessoas que citaram apenas a comigo-ninguém-pode. (Figura 8.)

Na catalogação das etnoespécies, notaram-se as ocorrências de: a) homonímia (um mesmo nome popular para designar plantas de espécies diferentes. b) sinonímia (vários nomes populares pelos quais se denomina uma única espécie. (Tabela. 4 e Tabela. 5)

Tabela 4. Homonímias encontradas nas entrevistas continentais e insulares

Homonímia	
Nome popular	Espécie científica
comigo-ninguém-pode	<i>Aglaonema commutatum</i> Schott var.1
	<i>Aglaonema commutatum</i> Schott var.2
	<i>Dieffenbachia</i> sp.1
	<i>Dieffenbachia</i> sp.2
comigo-ninguém-pode-fêmea	<i>Aglaonema commutatum</i> Schott var.1
	<i>Aglaonema commutatum</i> Schott var.2
copo de leite	<i>Brugmansia</i> sp.
	<i>Hedychium coronarium</i> J. König
espada de são jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort.
	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer
taiá	<i>Caladium bicolor</i> L.
	<i>Colocasia</i> sp.
taiazinho	<i>Caladium bicolor</i> L.
	<i>Colocasia</i> sp.

Figura 8. Agrupamento, com base no coeficiente de Sørensen para as comunidades estudadas, utilizando UPGMA (coeficiente de correlação cofenética (0,887). Os códigos que aparecem na barra inferior correspondem ao número de identificação dos informantes e o respectivo grupo de comunidade (IC = Continente; II = Ilha)

UPGMA

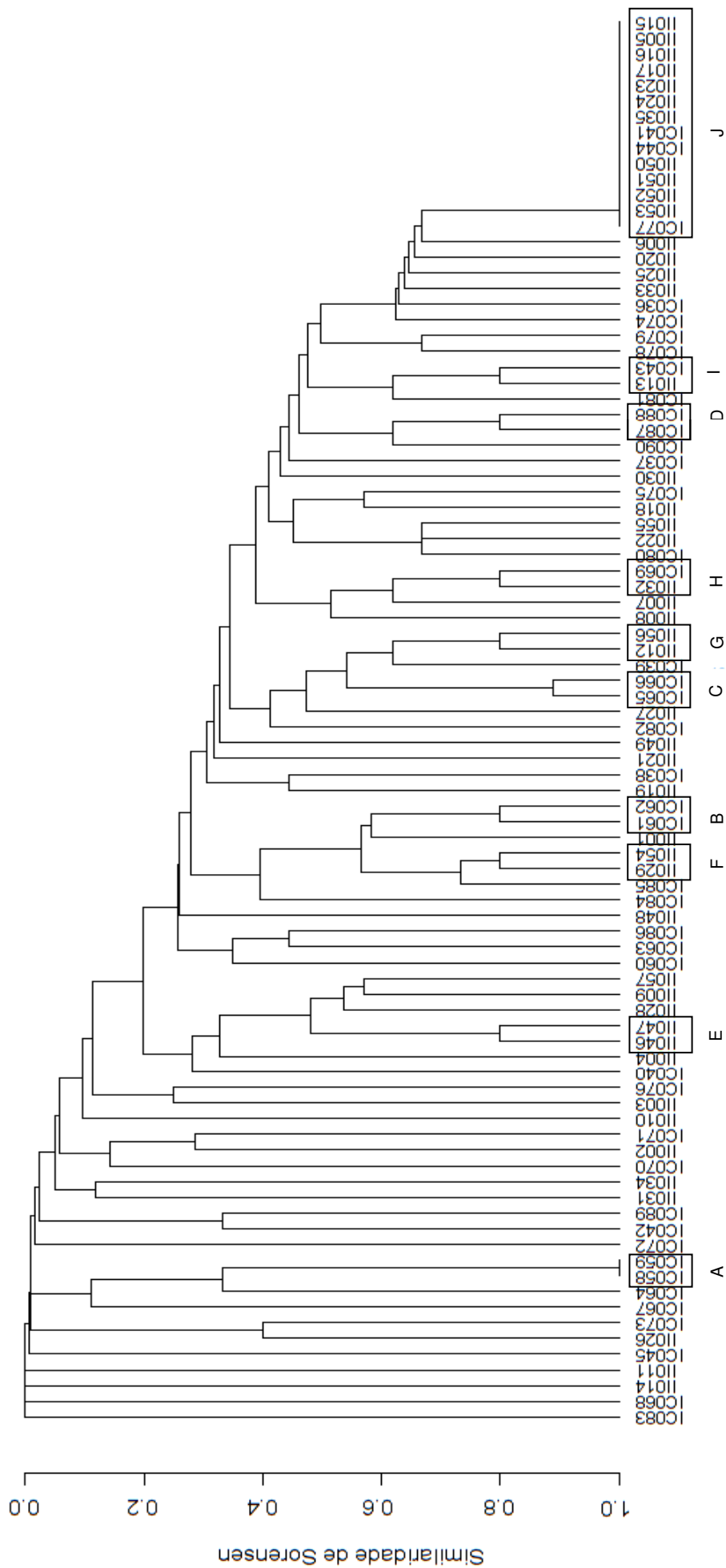


Tabela 5. Sinonímias encontradas nas entrevistas continentais e insulares

Sinonímia	
Espécie científica	Nome popular
<i>Aglaonema commutatum</i> Schott var.1 e var. 2	comigo-ninguém-pode comigo-ninguém-pode-fêmea
<i>Brugmansia</i> sp.	saia branca dama da noite copo de leite
<i>Caladium bicolor</i> L.	taiaá taiazinho
<i>Colocasia</i> sp.	taiaá taiazinho taiaá verde tinhorão tajuá
<i>Dieffenbachia</i> sp.2 e sp.1	comigo-ninguém-pode camila
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	avelós espinho de judeu
<i>Hedychium coronarium</i> J. König	colônia napoleão copo de leite
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão bravo pinhão roxo mamona roxa
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	espada de são jorge espada de são jorge verde
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort.	espada de são jorge palma de são jorge
<i>Sedum</i> sp.	bálsamo branco saião

A ocorrência de sinonímias e homonímias pode ser explicada considerando que a linguagem utilizada no conhecimento do senso comum contém termos e conceitos mais vagos, pois são utilizados por diferentes sujeitos sem haver previamente definição clara e consensual que especifique condições de uso. Dessa forma, a significação dos termos fica dependente do uso em um dado momento ou contexto, da cultura e da intenção significativa de quem utiliza. A significação dos conceitos é então produto de um uso individual e subjetivo espontâneo que se enriquece e se modifica gradualmente em função da convivência num determinado grupo (KÖCHE, 1997).

No entanto, Berlin (1992), que aprofundou conceitos e métodos em etnossistemática, com especial foco na etnotaxonomia, buscando identificar e entender os critérios de classificação popular (*folk*), destaca que quando se trata do

mundo natural (plantas, animais, etc.) o sistema de classificação é mais complexo e regido por um conjunto de normas que regulam o uso dos conceitos tornando-os mais precisos. Afirma também que quanto mais “próxima” e dependente for a população do meio no qual vive, mais específico e regulado será este sistema de classificação. Assim, a ocorrência de sinonímias e homonímias entre as comunidades de Cananéia pode ser indício de um maior distanciamento destas populações do meio natural no qual vivem.

As plantas mais citadas pelos entrevistados das duas áreas foram comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia* spp.), o taiá (*Caladium bicolor* e *Colocasia* sp. 6), a erva do bicho (*Polygonum* sp.) e o leiteiro-vermelho (*Euphorbia cotinifolia* L.) (Tabela 6. ; Apêndice 2.)

Em vários estudos realizados sobre casos de intoxicação e conhecimento sobre casos de intoxicação, a comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia* spp.) foi a mais citada (VASCONCELOS *et al.*, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2003).

Tabela. 6 - Ordenação das plantas tóxicas mais citadas

	Ordenação		
	Total	Ilha	Continente
1- <i>Dieffenbachia</i> spp.	67	39	28
2- <i>Caladium bicolor</i> L.	17	8	9
3- <i>Euphorbia cotinifolia</i> L.	11	6	5
4- <i>Aglaonema commutatum</i> Schott var.1 e var. 2	10	9	1
4- <i>Colocasia</i> sp.	10	6	4
4- <i>Polygonum</i> sp.	10	8	2
7- <i>Sansevieria trifasciata</i> Hort.	9	5	4
8- <i>Euphorbia tirucalli</i> L.	8	3	5
9- <i>Sophora</i> cf. <i>tomentosa</i> L.	6	1	5
10- <i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	5	3	2
10- <i>Hippobroma</i> cf. <i>longiflora</i> (L.) G. Don	5	1	4
10- <i>Fleurya aestuans</i> L.	5	1	4

Quanto a qual parte da planta é responsável pela intoxicação, as folhas e o leite (exsudatos) são bastante representativos em ambas as áreas, sendo que a maior parte das pessoas classifica as plantas como totalmente tóxica. Esse número é evidentemente maior no continente, o que pode significar um conhecimento menos específico sobre as plantas citadas. (Tabela 7.)

Tabela. 7 – Características gerais das comunidades estudadas quanto ao conhecimento etnobotânico.

Dados etnobotânicos	Comunidades insulares		Comunidades continentais	
Parte tóxica*	planta toda	47,6%		75,4%
	leite (exsudatos)	13,4%		15,4%
	espinhos	7,3%		6,1%
	flores	4,9%		3,1%
	frutos	7,3%		6,1%
	folhas	25,6%		21,5%
	casca	2,4%		3,1%
	semente	0,0%		1,5%
	caule	0,0%		6,1%
	raiz	1,2%		1,5%
Sintomas	informaram	21,3%		12,0%
	não informaram	78,7%		88,0%
Tratamento	informaram	3,0%		0,0%
	não informaram	97,0%		0,0%
Toxicidade a outros animais	informaram	8,5%		15,5%
	não informaram	91,5%		84,5%
Frequencia de intoxicação	informaram	11,0%		5,7%
	não informaram	89,0%		94,3%
Formas de diminuir/eliminar toxicidade	informaram	0,6%		0,7%
	não informaram	99,4%		99,3%
Números absolutos	Etnoespécies	93		58
	Citações	164		142
	Entrevistas	47		43
Média	Citações/entrevista	3,5±4,4		3,3±1,6

* valores que ultrapassam 100%, pois alguns entrevistados citaram mais de uma parte tóxica

É importante destacar que alguns entrevistados citaram como tóxico o uso de chás; neste caso, foram consideradas como tóxicas as partes utilizadas para fazer as infusões. Pinillos *et al.* (2003) e Bruneton (2001) chamam atenção para os casos de intoxicação causados pelo uso indevido de plantas medicinais. (Apêndice B)

Ao considerar o número de entrevistados que informaram os sintomas apresentados pelas pessoas intoxicadas pela planta citada, pode-se observar novamente que o conhecimento dos moradores do continente é menos apurado, pois apenas 12,0% souberam fornecer tal informação, sendo 77,8% dessas plantas cultivadas. Já na ilha, 21,3% possuíam tal conhecimento, sendo que a maior parte dessas plantas também é cultivada (67,7%). Quanto a formas de tratamento, apenas moradores da ilha citaram tais informações, recomendando a procura pelo posto médico mais próximo.

O conhecimento sobre a toxicidade das plantas a outros animais é maior no continente, pois na área os moradores criam muitos animais (bois, vacas, galinhas, etc.) e, desta forma, têm maior contato com as plantas prejudiciais a tais animais. É importante destacar que apenas um morador da ilha citou plantas ornamentais

tóxicas a animais de estimação (cachorro, no caso), apesar da extensa literatura sobre o elevado número de acidentes envolvendo ambos (SPINOZA *et al.*, 2008).

Os moradores da ilha citaram mais casos de experiência direta com intoxicações por plantas tóxicas, o que pode ser explicado pela grande quantidade de plantas ornamentais presentes nas casas. Oliveira *et al.* (2003) destacam que muitos acidentes com plantas tóxicas são causados pela facilidade de acesso a tais plantas, já que muitas plantas ornamentais são altamente tóxicas. Formas de diminuir/eliminar a toxicidade são praticamente desconhecidas nas duas áreas.

Na pesquisa bibliográfica para buscar informações sobre a toxicidade das plantas citadas, para 29 das 100 plantas identificadas não foi encontrada bibliografia que indicasse qualquer tipo de atividade tóxica. Entre essas plantas estão *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze, *Bidens pilosa* L., *Cordyline terminalis* (L.) Kunth., *Smilax brasiliensis* Spreng., etc. É importante destacar que algumas das plantas citadas pelos moradores têm vasta bibliografia abordando aspectos tóxicos, como *Ageratum conyzoides* L., *Caladium bicolor* L., *Dieffenbachia* spp., *Euphorbia* spp., *Lantana* sp., *Nerium oleander* L., *Philodendron* spp., *Ricinus communis* L. e *Thevetia peruviana* (Pers.) K. Schum. É importante destacar que a ausência de referência sobre a toxicidade não deve ser considerada como evidência de que a planta não é tóxica. (Tabela 8)

Tabela. 8 - Referências bibliográficas sobre o efeito tóxico das plantas identificadas

Espécie botânica	Etnoespécie	Referências		
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Matrasto	Escobar, 2007 Klasco, 2008 Couet <i>et al.</i> , 1996	Okunade, 2002 Nelson <i>et al.</i> , 2007 Navarro Moll, 2000	Hamill <i>et al.</i> , 2003 Olson, 2007 Stickel & Seitz, 2000
<i>Aglaonema commutatum</i> var.1 e var.2	Comigo-ninguém-pode	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Allamanda cathartica</i> L.	Alamanda	Haraguchi & Gorniak, 2008 Spoerke & Smolinske, 1990	Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Schavartsman, 1979	Roriz <i>et al.</i> , 2000 Schavartsman, 1992
<i>Aloe</i> sp.	Babosa	Klasco, 2008 Spoerke & Smolinske, 1990	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Falkenberg, 2002	Olson, 2007 Martins <i>et al.</i> , 2000
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina	-	-	-
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Melo <i>et al.</i> , 2006 Schavartsman, 1979	Flores <i>et al.</i> , 2001 Schavartsman, 1992	
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr	Abacaxi	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Annona cacans</i> Mart.	Araticum cagão	Rodrigues <i>et al.</i> , 2000	Pinto <i>et al.</i> , 2005	
<i>Anthurium</i> sp.	Antúrio	Klasco, 2008 Spoerke & Smolinske, 1990	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Bruneton, 2001	Olson, 2007 Flores <i>et al.</i> , 2001
<i>Asclepias curassavica</i> L.	Oficial de sala	Flores <i>et al.</i> , 2001 Olson, 2007 Schavartsman, 1979	Klasco, 2008 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Schavartsman, 1992	Nelson <i>et al.</i> , 2007
<i>Begonia</i> sp.	Azedinha	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	-	-	-
<i>Brugmansia</i> sp.	Saia branca	Bacchi, 2002 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Spoerke & Smolinske, 1990	Bruneton, 2001 De Feo, 2003 Schavartsman, 1992	Haraguchi & Gorniak, 2008
<i>Caladium bicolor</i> L.	Taiá	Bruneton, 2001 Nelson <i>et al.</i> , 2007 Spoerke & Smolinske, 1990	Flores <i>et al.</i> , 2001 Olson, 2007 Schavartsman, 1979	Klasco, 2008 Schavartsman, 1992
<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	Guanandi	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Schavartsman, 1979	Olson, 2007 Schavartsman, 1992	Klasco, 2008
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa noite	Lorenzi & Souza, 2008 Schavartsman, 1992 Olson, 2007	Klasco, 2008 Schripsema <i>et al.</i> , 2002	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Roriz <i>et al.</i> , 2000
<i>Cleodendron</i> sp.	Lágrima de cristo	-	-	-
<i>Cissus verticillata</i> L. Nicolson & C.E. Jarvis	Uvinha japonesa	-	-	-
<i>Citrus medica</i> L.	Cidra	Kuster & Rocha, 2002	Zuanazzi, 2002	
<i>Coccocypselum lanceolatum</i> (Ruiz e Pav) Pers.	Dinheiro em penca (azul)	-	-	-

Cont. Tabela. 8

<i>Codiaeum</i> sp.	Cróton	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Spoerke & Smolinske, 1990	Olson, 2007 Bruneton, 2001	Klasco, 2008
<i>Colocasias</i> sp.	Tinhorão	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Klasco, 2008	Olson, 2007 Schavartsman, 1992	Schavartsman, 1979
<i>Commelina</i> sp.	Comelina	Flores <i>et al.</i> , 2001		
<i>Cordyline terminalis</i> (L.) Kunth.	Cordilina	-	-	-
<i>Davilla</i> sp.	Cipó caboclo	-	-	-
<i>Dichorisandra</i> sp.	Dicorisandra	-	-	-
<i>Dieffenbachia</i> spp.	Comigo-ninguém-pode	Haraguchi & Gorniak, 2008 Roriz <i>et al.</i> , 2000 Spoerke & Smolinske, 1990 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Flores <i>et al.</i> , 2001 Schavartsman, 1979 Olson, 2007	Bruneton, 2001 Klasco, 2008 Schavartsman, 1992
<i>Digitalis purpurea</i> L.	Dedaleira	Bruneton, 2001 Spoerke & Smolinske, 1990 Olson, 2007	Klasco, 2008 Haraguchi & Gorniak, 2008 Rates & Bridi, 2002	Nelson <i>et al.</i> , 2007
<i>Dioscorea</i> sp.	Batata brava	Spoerke & Smolinske, 1990	Flores <i>et al.</i> , 2001	
<i>Dracaena</i> sp.	Coqueiro de vênus	-	-	-
<i>Duranta repens</i> L.	Violeteira	Klasco, 2008	Nelson <i>et al.</i> , 2007	Olson, 2007
<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Jibóia	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Spoerke & Smolinske, 1990	Olson, 2007 Bruneton, 2001	Klasco, 2008
<i>Erythrina</i> cf. <i>speciosa</i> Andrus	Eritrina	-	-	-
<i>Euphorbia cotinifolia</i> L.	Leiteiro vermelho	Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Olson, 2007	Klasco, 2008 Nelson <i>et al.</i> , 2007	
<i>Euphorbia millii</i> Des Moul	Coroa de cristo	Spoerke & Smolinske, 1990 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Lorenzi & Souza, 2008 Olson, 2007	Schavartsman, 1979 Roriz <i>et al.</i> , 2000 Klasco, 2008 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Schavartsman, 1992 Correa, 1931
<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd ex Klotzsch	Bico de papagaio	Spoerke & Smolinske, 1990 Haraguchi & Gorniak, 2008 Correa, 1952	Schavartsman, 1979 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Silva, 1991	Schavartsman, 1992 Bruneton, 2001
<i>Euphorbia</i> sp.	Euforbia	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Avelós	Spoerke & Smolinske, 1990 Hamilla <i>et al.</i> , 2003 Olson, 2007	Bruneton, 2001 Klasco, 2008 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Flores <i>et al.</i> , 2001
<i>Ficus</i> sp.	Figo	Schenkel <i>et al.</i> , 2002	Amorim <i>et al.</i> , 1997	
<i>Fleurya aestuans</i> L.	Urtiga	Vasconcelos <i>et al.</i> , 2009		
<i>Gossypium</i> sp.	Algodão	Haraguchi & Gorniak, 2008		
<i>Hedychium coronarium</i> J. König	Colônia	-	-	-
<i>Hibiscus</i> cf. <i>acetosella</i> Welw. Ex Hiern	Vinagreira	-	-	-
<i>Hibiscus mutabilis</i> L.	Rosa louca	-	-	-
<i>Hibiscus</i> sp.	Hibisco	Murthy <i>et al.</i> , 1997		
<i>Hippobroma</i> cf. <i>longiflora</i> (L.) G. Don	Cega olho	Klasco, 2008	Nelson <i>et al.</i> , 2007	Olson, 2007
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Hortensia	Spoerke & Smolinske, 1990 Olson, 2007	Klasco, 2008 Nelson <i>et al.</i> , 2007	
<i>Impatiens walleriana</i> Hook.	Beijo	-	-	-
<i>Ipomoea</i> cf. <i>cairica</i> (L.) Sweet.	Ipomea	-	-	-
<i>Iresine</i> sp.	Iresine	De Feo, 2003	De Feo <i>et al.</i> , 1996	
<i>Jacaranda</i> sp.	Carobinha	-	-	-
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	Schavartsman, 1979	Schavartsman, 1992	
<i>Kalanchoe</i> sp.	Flor da fortuna	Klasco, 2008 Spoerke & Smolinske, 1990	Nelson <i>et al.</i> , 2007 Bruneton, 2001	Olson, 2007 Hamilla <i>et al.</i> , 2003
<i>Lantana</i> sp.	Lantana	Spoerke & Smolinske, 1990 Haraguchi & Gorniak, 2008 Klasco, 2008	Schavartsman, 1979 Bruneton, 2001 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Schavartsman, 1992 Hamilla <i>et al.</i> , 2003 Olson, 2007
<i>Malvaviscus</i> sp.	Malvaisco	-	-	-
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca brava	Schavartsman, 1979 Haraguchi & Gorniak, 2008	Schavartsman, 1992 Schenkel <i>et al.</i> , 2002	
<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze.	Maricá	-	-	-
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Maraviha	Roriz <i>et al.</i> , 2000 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Hamilla <i>et al.</i> , 2003 Olson, 2007	Klasco, 2008
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	Schavartsman, 1979 Rates & Bridi, 2002 Correa, 1931 Langford & Boor, 1996 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Schavartsman, 1992 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Pereira, 1974 Klasco, 2008 Flores <i>et al.</i> , 2001	Haraguchi & Gorniak, 2008 Bruneton, 2001 Olson, 2007
<i>Ocimum</i> sp.	Alfavaca	-	-	-
<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Camarão amarelo	-	-	-
<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá bravo	Zuanazzi, 2002 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Silva, 1995 Olson, 2007	Klasco, 2008
<i>Pelargonium</i> sp.	Gerânio	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Peperomia</i> sp.	Peperomia	Bruneton, 2001		
<i>Pera glabrata</i> (Schott.) Bail	Tabucuva	-	-	-
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora pro nobis	Correa, 1926	Correia, 1974	Gemtchujnicov, 1976
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Gomes <i>et al.</i> , 2001	Conceição, 1987	Franco, 1997
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	Imbé	Spoerke & Smolinske, 1990 Haraguchi & Gorniak, 2008 Klasco, 2008	Schavartsman, 1979 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Schavartsman, 1992 Bruneton, 2001 Olson, 2007

Cont. Tabela. 8

<i>Philodendron</i> sp.	Mandimbé	Haraguchi & Gomiak, 2008 Lorenzi & Souza, 2008 Spoerke & Smolinske, 1990 Olson, 2007	Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Klasco, 2008 Schavartsman, 1979 Schavartsman, 1992	Bruneton, 2001 Nelson <i>et al.</i> , 2007
<i>Piper</i> sp.	Piper	-	-	-
<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim manga	Roriz <i>et al.</i> , 2000	Lorenzi & Souza, 2008	
<i>Polygala</i> sp.	Gelol	Duarte <i>et al.</i> , 2007		
<i>Polygonium</i> sp.	Erva do bicho	Bruneton, 2001		
<i>Psychotria nuda</i> (Cham. & Schtdl.) Wawra	Erva de anta	-	-	-
<i>Psychotria</i> sp.	Dinheiro em penca (laranja)	Leal & Elisabetsky, 1996		
<i>Rhododendron</i> sp.	Azaléia	Spoerke & Smolinske, 1990 Bruneton, 2001 Olson, 2007	Haraguchi & Gomiak, 2008 Klasco, 2008 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Schenkel <i>et al.</i> , 2002
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Hamilla <i>et al.</i> , 2003 Schavartsman, 1979 Olson, 2007	Bruneton, 2001 Klasco, 2008 Schavartsman, 1992 Haraguchi & Gomiak, 2008	Flores <i>et al.</i> , 2001 Nelson <i>et al.</i> , 2007
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Gomes <i>et al.</i> , 2001 Albuquerque, 1990	Silva, 1995	Martins <i>et al.</i> , 2000
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Espada de são jorge	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Sansevieria trifasciata</i> (De Wild)	Espada de são jorge	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	Schavartsman, 1979 Klasco, 2008	Schavartsman, 1992 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Gomes <i>et al.</i> , 2001 Olson, 2007
<i>Sedum</i> sp.	Saião	Spoerke & Smolinske, 1990		
<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	Japacanga	-	-	-
<i>Solanum</i> sp.	Fumo bravo	Spoerke & Smolinske, 1990 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Klasco, 2008	Schavartsman, 1979 Bruneton, 2001 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Haraguchi & Gomiak, 2008 Flores <i>et al.</i> , 2001 Olson, 2007
<i>Solenostemon cf. scutellarioides</i> (L.) Codd	Côleus	-	-	-
<i>Sophora cf. tomentosa</i> L.	Feijão bravo	Schavartsman, 1979	Schavartsman, 1992	
<i>Spathiphyllum</i> sp.	Lírio da paz	Spoerke & Smolinske, 1990 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Bruneton, 2001 Olson, 2007	Klasco, 2008
<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski.	Margaridinha amarela	-	-	-
<i>Stryphnodendron</i> sp.	Barbatimão	Haraguchi & Gomiak, 2008		
<i>Symphytum</i> sp.	Confrei	Gomes <i>et al.</i> , 2001 Silva, 1995 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Bruneton, 2001 Stickel & Seitz, 2000 Olson, 2007	Souza, 1991 Klasco, 2008
<i>Syngonium cf. angustatum</i> Schott	Folhagem	Spoerke & Smolinske, 1990 Klasco, 2008	Bruneton, 2001 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Flores <i>et al.</i> , 2001 Olson, 2007
<i>Syngonium</i> sp. 1	Folhagem	Spoerke & Smolinske, 1990 Klasco, 2008	Bruneton, 2001 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Flores <i>et al.</i> , 2001 Olson, 2007
<i>Terminalia</i> sp.	Chapéu de sol	-	-	-
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd.	Limonete	-	-	-
<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K. Schum.	Chapéu de napoleão	Schavartsman, 1979 Rates & Bridi, 2002 Langford & Boor, 1996 Olson, 2007	Schavartsman, 1992 Schenkel <i>et al.</i> , 2002 Klasco, 2008 Nelson <i>et al.</i> , 2007	Haraguchi & Gomiak, 2008 Bruneton, 2001
<i>Varronia verbenacea</i> (DC.) Borhidi	Erva baleeira	-	-	-
<i>Ximena americana</i> L.	Limão bravo	Maiga <i>et al.</i> , 2005		

5. CONCLUSÃO

O panorama geral dos resultados deste trabalho leva-nos a concluir que a distinção na intensidade de antropização das áreas estudadas não interfere significativamente na diversidade de plantas tóxicas conhecidas. Apesar das duas áreas apresentarem alta diversidade, apresentam também baixa similaridade, ou seja, as duas comunidades conhecem muitas plantas, no entanto, são poucas as plantas conhecidas pelas duas comunidades.

No município foram citadas plantas reconhecidamente tóxicas, e com ampla literatura sobre a toxicidade, mas, observou-se baixa especificidade de conhecimento, principalmente sobre os sintomas apresentados em casos de intoxicação e primeiros socorros, o que indica a necessidade de campanhas informativas junto à população.

A ausência de trabalhos etnobotânicos sobre plantas tóxicas dificultou a comparação dos resultados encontrados neste estudo, desta forma fica evidente a necessidade de mais pesquisas voltadas para conhecimento ecológico local sobre plantas tóxicas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. M - *Plantas tóxicas no jardim e no campo*. Belém: FCAP. Serviço de Documentação e Informação, 1990.

ALBUQUERQUE, U.P; HANAZAKI, N - As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Rev. Brasileira de Farmacognosia*. v.16, 2006.

ALBUQUERQUE, U.P; LUCENA, R.F.P – Seleção e escolha dos informantes. In. ALBUQUERQUE, U.P; LUCENA, R.F.P (orgs.) – *Métodos e técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. Ed. Livro Rápido, Recife - PE, 2004.

ALCORN, J.B - The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E.; REIS, S. (eds.) - *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Dioscorides Press: Portland, Oregon, 23-39, 1995.

AMORIN, A; BORBA, H.R.; CARAUTA, J.P.; LOPES, D.; KAPLAN, M.A Anthelmintic activity of the latex of *Ficus* species. *Journal of Ethnopharmacology*, 64(3), p. 255-258, 1999.

AMOROZO, M.C.M – *Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger MT, Brasil*. Acta bot. bras. 16(2): 189-203, 2002

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Versão 1.0.0 software © 2003 ESM Consultoria; dados © 2003 PNUD.

BACCHI, E.M – Alcalóides Trôpanicos. In: SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G; MELLO, J.C.P; MENTZ, L.A; PETROVICK, P. R (orgs) – *Farmacognosia da planta ao medicamento*. 4ª. Edição. Ed. Universidade / UFRGS / Ed. da UFSC. Porto Alegre/Florianópolis – RS/SC, 2002.

BAILEY, K. D. - *Methods of social research*. McMillan Publishers, The Free Press, New York, 1982.

BARROS, F; MELO, M. M. R. F; WANDERLEY, M. G. L; KIRIZAWA, M; JUNG-MENDAÇOLLI, S. L; CHIEA, S. A. C (eds) *Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso* – Vol. 1. São Paulo, Instituto de Botânica, 1991.

BEGOSSI, A. – Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. *Economic Botany* 50, 1996.

- BERGAMO, A. L – *Características da hidrografia, circulação e transporte de sal: barra de Cananéia, sul do mar de Cananéia e baía do Trepandé*. Dissertação de mestrado do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.
- BERLIN, B – *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton University Press, Princeton – New Jersey, 1992.
- BRUNETON, J – *Plantas tóxicas – vegetales peligrosos para el hombre y los animales*. Editorial Acribia, S.A. – Zaragoza, España, 2001.
- CARNIELLO, M.A. – *Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro – 2007.
- CONCEIÇÃO, M - *As plantas medicinais no ano 2000: dicionário de plantas medicinais*. 3. ed. Brasília, Editerra, 1987.
- CORRÊA, M. P- *Dicionário de plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Vol. V, 1974.
- CORRÊA, M.P- *Dicionário de plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Vol. I., 1926.
- CORRÊA, M.P- *Dicionário de plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Vol. II, 1931.
- CORRÊA, M.P- *Dicionário de plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Vol. III, 1952.
- CORRÊA, M.P- *Dicionário de plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Vol. IV, 1969.
- COTTON, C.M. *Ethnobotany: principles and applications*. Chichester, John Wiley & Sons, 1996.
- COUET, C.E.; CREWS, C., HANLEY, A.B- Analysis, separation, and bioassay of pyrrolizidine alkaloids from comfrey (*Symphytum officinale*). *Natural Toxins*. v.4, n.4, p.163-7,1996.
- DE FEO, V. - Ethnomedical field study in northern Peruvian Andes with particular reference to divination practices. *Journal of Ethnopharmacology* (85) 243–256, 2003
- DE FEO, V.; CAPASSO, A.; SIMONE, F.D.; SORRENTINO, L.- CNS pharmacological effects of aqueous extract from *Iresine herbstii*. *Pharm Biol* 34(3):184–8, 1996.
- DIEGUES, A. C. – Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C (org.) *Etnoconservação: Novos rumos para a conservação da natureza*. 2ª. ed. São Paulo, HUCITEC, 2000.
- DOULA, S. M – Meio ambiente e conhecimento local no discurso camponês Latino-Americano. *Rev. Universum. Universidad de Talca* n. 16, 2001.

DUARTE, F.S.; DUZZIONI, M.; MENDES, B.G.; PIZZOLATTI, M.G.; LIMA, T.C.M - Participation of dihydrostyryl-2-pyrone and styryl-2-pyrone in the central effects of *Polygala sabulosa* (Polygalaceae), a folk medicine topical anesthetic. *Pharmacology, Biochemistry and Behavior* (86) 150–161, 2007.

ESCOBAR, B.T – *Avaliação psicofarmacológica de Ageratum conyzoides L. ASTERACEAE*. Dissertação de Mestrado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2007.

FALKENBERG, M.B – Quinonas. In: SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G; MELLO, J.C.P; MENTZ, L.A; PETROVICK, P. R (orgs) – *Farmacognosia da planta ao medicamento*. 4ª. Edição. Ed. Universidade / UFRGS / Ed. da UFSC. Porto Alegre/Florianópolis – RS/SC, 2002.

FERREIRA, L. S.; MARSOLA, F. J.; TEIXEIRA, S.P - Anatomia dos órgãos vegetativos de *Dieffenbachia picta* Schott (Araceae) com ênfase na distribuição de cristais, laticíferos e grãos de amido. *Rev. Bras. de Farmacognosia Braz. Jou. of Pharmacognos v.16(Supl.)*, 2006.

FLORES, J.S.; CANTO-AVILES, G.C.O.; FLORES-SERRANO, A.G- Plantas de la flora yucatanense que provocan alguna toxicidad en el humano. *Rev Biomed* 12:86-96, 2001.

FONSECA-KRUEL, V. S; PEIXOTO, A. L. -Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botânica Brasílica* 18 (1):177-190, 2004.

FORSYTH, A.A – *Iniciación a La Toxicología Vegetal*. Editorial Acribia – Zaragoza – España, 1968.

FRANCO, I.J - *Ervas e plantas: a medicina dos simples*. Erechim, RS. Imprimax, 1997.

GADGIL, M; GUHA, R – *This Fissured Land: an ecological history of India*. Oxford University Press, 1993.

GEMTCHÚJNICOV, I.D - *Manual de taxonomia vegetal*. São Paulo: Agronômica Ceres, 1976.

GOMES, E.C; ELPO, E.R.S.; GABRIEL, M.M; LOPES, M. – Plantas medicinais com características tóxicas usadas pela população do município de Morretes-PR. *Rev. Visão Acadêmica*, v.2, n.2 p 77-80, 2001.

GOMES, S. A – *Estudo etnobotânico em dois bairros rurais do município de Cananéia – SP*. Monografia de graduação, UNESP, Rio Claro, 1995.

HAMILL, F.A.; APIO, S.; MUBIRU, N.K.; BUKENYA-ZIRABA, R.; MOSANGO, M.; MAGANYI, O.W.; SOEJARTO, D.D - Traditional herbal drugs of Southern Uganda, II: literature analysis and antimicrobial assays. *Journal of Ethnopharmacology* (84)57/78, 2003.

HANAZAKI, N - Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. *Biotemas*, 16 (1): 23-47, 2003

HANAZAKI, N; LEITÃO-FILHO, H.F; BEGOSSI, A – Uso de recursos na Mata Atlântica: O caso da Ponta do Almada (Ubatuba, Brasil). *Interciência* 21, 1996.

HARAGUCHI, M. – Plantas tóxicas de interesse na pecuária. *Biológico*, São Paulo, v. 65, n. 1, 2003.

HARAGUCHI, M; GÓRNIAC, S. L – Introdução ao estudo das plantas tóxicas. In. SPINOSA, H.S; GÓRNIAC, S.L; PALERMÓ-NETO, J – *Toxicologia aplicada à Medicina Veterinária*. Ed. Manole. Barueri – SP, 2008.

HOEHNE, F.C – *Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais*. São Paulo, Graphicars, 1978.

KLASCO, R.K – *POISINDEX System*. Thomson Reuters, Greenwood Village, Colorado, 2008.

KÖCHE, J.C – *Fundamentos de metodologia científica – teoria da Ciência e Iniciação à Pesquisa*. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 1997.

KREBS, C. J. *Ecological methodology*. Addison-Wesley, 620p., 1998.

KUSTER, R.M.; ROCHA, L.M. – Cumarinas, Cromonas e Xantonas. In: SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G; MELLO, J.C.P; MENTZ, L.A; PETROVICK, P. R (orgs) – *Farmacognosia da planta ao medicamento*. 4^a. Edição. Ed. Universidade / UFRGS / Ed. da UFSC. Porto Alegre/Florianópolis – RS/SC, 2002.

LADEIRA, A.M – *Plantas Tóxicas*. São Paulo, Instituto de Botânica, Folheto 14, 1981.

LANGFORD, S.D.; BOOR, P.J - Oleander toxicity: an examination of human and animal toxic exposures. *Toxicology* (109) 1-13, 1996.

LEAL, M.B.; ELISABETSKY, E - Absence of alkaloids in *Psychotria carthagenensis* Jacq.(Rubiaceae). *Journal of Ethnopharmacology* (54) 37-40, 1996.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. -*Plantas ornamentais do Brasil (arbustivas, herbáceas e trepadeiras)*. 4 Ed. São Paulo: Plantarum, 2008.

MAGURRAN, A. E. - *Diversidad ecológica y su medición*. Barcelona: Vendra, 200 p., 1989.

MAIGA, A.; DIALLOB, D.; FANEB, S.; SANOGOB, R.; PAULSENA, B.S.; CISSEB, B - A survey of toxic plants on the market in the district of Bamako, Mali: traditional knowledge compared with a literature search of modern pharmacology and toxicology. *Journal of Ethnopharmacology* (96) 183–193, 2005.

MANLY, B. J. F. *Métodos estatísticos multivariados: uma introdução*. 3ª Ed., Artmed, 229 p., 2005.

MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E – *Plantas medicinais*. Viçosa: Editora da UFV, 2000.

MEDEIROS, R.M.T; RIET-CORREA, F - Intoxicações por plantas em ruminantes no Brasil e no Uruguai: importância econômica, controle e riscos para a saúde pública. *Pesq. Vet. Bras.* 21(1):00-00, 2001.

MELO, A.F.M.; ALBUQUERQUE, M.M.; SILVA, M.A.L.; GOMES, G.C.; CRUZ, I.S.V.; LEITE, V.R.; HIGINO, J.S -Avaliação da toxicidade subcrônica do extrato bruto seco de *Anacardium occidentale* Linn em cães. *Acta Sci. Health Sci.* Maringá, v. 28, n. 1, p. 37-41, 2006

MING, L. C. - *Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes (Acre): uma visão etnobotânica*. São Paulo, Ed. UNESP, 2006.

MING, L.C – Coleta de plantas medicinais. In. DI STASI, L. C - *Plantas Medicinais: Arte e Ciência*. Ed. UNESP, São Paulo – SP, 1996.

MIRANDA, T.M; HANAZAKI, N - Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. *Acta bot. bras.* 22(1): 203-215. 2008

MURTHY, D.R.; REDDY, C.M.; PATIL, S.B - Effect of benzene extract of hibiscus rosa sinensis on the estrous cycle and ovarian activity in albino mice. *Biol Pharm Bull*, jul, 20(7): p. 756-8, 1997.

NAVARRO MOLL, M.C- Uso racional de las plantas medicinales. *Pharmaceutical Care Espana*. v.2, p.9-19, 2000.

NELSON, L.S.; SHIH, R.D.; BALICK, M.J- *Handbook of poisonous and injurious plants*. 2nd Ed. Springer Science Publishing. 2007

NEUWINGER, H.D – Plants used for poison fishing in tropical Africa. *Toxicon* 44, p. 417-430, 2004.

OKUNADE, A.L – *Ageratum conyzoides* L. Asteraceae. *Fitoterapia* (73), 2002.

OLIVEIRA, O.F; SILVA, D.M; RIET-CORREA, F; MEDEIROS, R.M.T - Plantas tóxicas para ruminantes e eqüídeos no Seridó Ocidental e Oriental do Rio Grande do Norte. *Pesq. Vet. Bras.* 26(4):223-236, 2006.

OLIVEIRA, R.B; GODOY, S.A.P; COSTA, F.B – *Plantas tóxicas. Conhecimento e prevenção de acidentes*. Ed. Holos, Ribeirão Preto – SP. 2003.

OLSON, K.R- "*Plants*" chapter in *poisoning & drug overdose*. 5th Ed.Lange/McGraw Hill. 2007

OROZCO, O.L; LENTZ, D. L. – Poisonous plants and their uses as insecticides in Cajamarca, Peru. *Economic Botany* 59, 2005.

PATTON, M. Q. - *Qualitative evaluation and research methods*. 2nd Ed. Newbury Park: Sage Publications, 1990.

PATZLAFF, R.G; PEIXOTO, A.L - A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v.16, n.1, p.237-246, Rio de Janeiro – RJ. 2009.

PEREIRA, A- *Tudo verde, guia das plantas e flores*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

PERONI, N. - Coleta e análise de dados quantitativos em etnobiologia: introdução ao uso de métodos multivariados. In: AMOROZO, M. C. M; MING, L. C; SILVA, S. M. P. - *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais, Rio Claro, São Paulo*. Rio Claro, UNESP/CNPQ, 2002.

PETRONE, P - *A Baixada do Ribeira, Estudo de Geografia Humana*. São Paulo, FFCL-USP, 1966.

PIELOU, E.C. *Mathematical Ecology*. Wiley, 385 p., 1977.

PINHEIRO, C.U. *Técnicas e métodos antropológicos aplicados na Etnobotânica*. Belém, 2003.

PINILLOS, M.A; GÓMEZ, J; ELIZALDE, J; DUEÑAS, A - Intoxicación por alimentos, plantas y setas. *Anales Sis San Navarra*, vol. 26, supl. 1, p. 243-263, 2003.

PINTO, A.C.Q.; CORDEIRO, M.C.R.; ANDRADE, S.R.M.; FERREIRA, F.R.; FILGUEIRAS, H.A.; ALVES, R.E.; KINPARA, D.I -*Annona species*. RPM Print and Design, West Sussex, UK, 2005

PINTO, E.P.P; AMOROZO, M.C.M; FURLAN, A. - Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta bot. bras.* 20(4): 751-762. 2006

POSEY, D.A. - Interpreting and applying the “Reality” of indigenous concepts: what is necessary to learn from the natives? In: REDFORD, K.H.; PADOCH, C. (eds.). *Conservation of Neotropical Forests: working from traditional resource use*. New York: Columbia University Press, 1992.

PROGRAMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE PLANTAS TÓXICAS – disponível em < www.fiocruz.br/sinitox/prognacional.htm> acesso em 12/08/2008.

R Development Core Team. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. ISBN 3-900051-07-0, URL <http://www.R-project.org>, 2009.

RATES, S.M.K.; BRIDI, R. – Heterosídeos cardioativos. In: SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G; MELLO, J.C.P; MENTZ, L.A; PETROVICK, P. R (orgs) – *Farmacognosia da planta ao medicamento*. 4ª. Edição. Ed. Universidade / UFRGS / Ed. da UFSC. Porto Alegre/Florianópolis – RS/SC, 2002.

RODRIGUES, L.A.; CARVALHO, D.A.; GOMES, L.J.; BOTREL, R.T- Espécies vegetais nativas usadas pela população local em Luminárias, MG. Bol. Agrop. UFLA, 2000.

RORIZ, A.; CUNHA, A.P - *Enciclopédia 1001 plantas & flores*. Especial ed. São Paulo: Europa, 2000.

SCAVONE, O.; PANIZZA, S – *Plantas Tóxicas*. 2ª. Ed. São Paulo, CODAC-USP, 1981.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y.; CINTRÓN-MOLERO, G.; ADAIME, R. R.- Variability of mangrove ecosystems along the Brazilian coast. *Estuar.*, 13(2): 204-218., 1990.

SCHENKEL, E. P; ZANNIN, M; MENTZ, L. A; BORDIGNON, S.A.L; IRGANG, B. – Plantas tóxicas. In: SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G; MELLO, J.C.P; MENTZ, L.A; PETROVICK, P. R (orgs) – *Farmacognosia da planta ao medicamento*. 4ª. Edição. Ed. Universidade / UFRGS / Ed. da UFSC. Porto Alegre/Florianópolis – RS/SC, 2002.

SCHRIPSEMA, J.; DAGNINO, D.; GOSMANN, G. - Alcalóides indólicos. In: SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G; MELLO, J.C.P; MENTZ, L.A; PETROVICK, P. R (orgs) – *Farmacognosia da planta ao medicamento*. 4ª. Edição. Ed. Universidade / UFRGS / Ed. da UFSC. Porto Alegre/Florianópolis – RS/SC, 2002.

SCHVARTSMAN, S – *Plantas Venenosas*. Sarvier, São Paulo, 1979.

SCHVARTSMAN, S. - *Intoxicações agudas*. 4. ed. São Paulo, Sarvier, 1991.

SCHVARTSMAN, S. – *Plantas venenosas e animais peçonhentos*. Sarvier, São Paulo, 1992.

SILVA, A.C.R- *Guia das flores*. São Paulo: Abril, 1991.

SILVA, I. - *Noções sobre o organismo humano e utilização de plantas medicinais*. Cascavel: Assoeste, 1995.

SILVA, I.G.R.; TAKEMURA, O.S. - Aspectos de intoxicações por *Dieffenbachia* spp. (Comigo-ninguém-pode) – Araceae. *R. Ci. méd. biol.*, Salvador, v. 5, n. 2, 2006

SILVANO, R.A.M. *Etnoecologia e história natural de peixes no Atlântico (Ilha dos Búzios, Brasil) e Pacífico (Moreton Bay, Austrália)*. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SINITOX – Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas - disponível em < www.fiocruz.br/sinitox/2006/brasil2006.htm > acesso em 23/04/09.

SOUSA, M.P.; MATOS, M. E.O.; MATOS, F.J.A.; MACHADO, M.I.L.; CRAVEIRO, A.A - *Constituintes químicos ativos de plantas medicinais brasileiras*. Fortaleza: UFC: Lab. de Produtos Naturais, 1991.

SPINOSA, H.S; GÓRNIAC, S.L; PALERMO-NETO, J – *Toxicologia aplicada à Medicina Veterinária*. Ed. Manole. Barueri – SP, 2008.

SPOERKE, D.G; SMOLINGSKE, S.C – *Toxicity of houseplants*. CRC Press, Florida, 1990.

STICKEL F; SEITZ H.K- The efficacy and safety of comfrey. *Public Health Nutrition*. v.3, n.4, p.501-8, 2000.

SUGUIO, K.; TESSLER, M.G. - Depósitos quaternários da planície costeira de Cananéia-Iguape (SP). São Paulo, Universidade de São Paulo. (*Publicação Especial Instituto Oceanográfico, 9*), 1992.

TOKARNIA, C.H; DÖBEREINER, J; PEIXOTO, P.V. *Plantas tóxicas do Brasil*. Rio de Janeiro: Helianthus, 2000.

VALENTIN, J.L – Agrupamento e ordenação. In: PERES-NETO, P.R.; VELNTIN, J.L.; FERNANDEZ, F.A.S. (eds.) – *Oecologia Brasiliensis*. Volume II. PPG em Ecologia – Instituto de Biologia – UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

VALENTIN, J.L – *Ecologia Numérica: uma introdução à análise multivariada de dados ecológicos*. Interciência, Rio de Janeiro, 2000.

VASCONCELOS, J; VIEIRA, J.G.P; VIEIRA, E.P.P – Plantas tóxicas: conhecer para prevenir. *Revista Científica da UFPA*, V.7, n.1, 2009.

VIERTLER, R.B – Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M; MING, L. C; SILVA, S. M. P. - *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais, Rio Claro, São Paulo*. Rio Claro, UNESP/CNPQ, 2002.

ZAR, J. H. - *Biostatistical analysis*. 4th. ed. Prentice-Hall, New Jersey, 1999.

ZUANAZZI, J.A.S – Flavonóides. In: SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P; GOSMANN, G; MELLO, J.C.P; MENTZ, L.A; PETROVICK, P. R (orgs) – *Farmacognosia da planta ao medicamento*. 4ª. Edição. Ed. Universidade / UFRGS / Ed. da UFSC. Porto Alegre/Florianópolis – RS/SC, 2002.

7. APÊNDICES

7.1 Apêndice A – Plantas citadas: informações complementares I

Família	Etnoespécie	Espécie botânica	Hábito	No coletor/identificação	Cultivo
Acanthaceae	Erva de lagarta	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Arbustivo	C066	Cultivada
Amaranthaceae	Amica verdadeira	<i>Iresine</i> sp.	Arbustivo	C021	Cultivada
	Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Anacardiaceae	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Árboreo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddei	Árboreo	C004; C020; C055	Cultivada
Annonaceae	Araticum cagão	<i>Annona cacans</i> Mart.	Árboreo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Jasmim manga	<i>Plumeria rubra</i> L.	Árboreo	C012	Cultivada
	Aguai	<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K. Schum.	Arbustivo	C035	Cultivada
Apocynaceae	Alamanda	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Trepadeira	C027	Cultivada
	Oficial de sala	<i>Asclepias curassavica</i> L.	Herbáceo	C067; C068	Espontânea
	Espirradeira	<i>Nerium oleander</i> L.	Arbustivo	C053	Cultivada
	Boa-noite	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Trepadeira	<i>Syngonium</i> cf. <i>angustatum</i> Schott	Herbáceo	C005	Cultivada
	Imbé	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Comigo-ninguém-pode	<i>Diefenbachia</i> spp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Comigo-ninguém-pode	<i>Aglaonema commutatum</i> Schott var. 1 e var. 2	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Araceae	-	<i>Syngonium</i> sp 1	Herbáceo	C075	Cultivada
	-	<i>Syngonium</i> sp 2	Herbáceo	C076	Cultivada
	Lírio-da-paz	<i>Spathiphyllum</i> sp.	Herbáceo	C032	Cultivada
	Taiá	<i>Caladium bicolor</i> L.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Tinhorão	<i>Colocasia</i> sp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Mandimbé	<i>Philodendron</i> sp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Espontânea
	Jibóia	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Herbáceo	C042	Cultivada
	Antúrio	<i>Anthurium</i> sp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Asphodelaceae	Babosa	<i>Aloe</i> sp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Asteraceae	Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
	-	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski.	Herbáceo	C073; C074	Espontânea
Balsaminaceae	Matrasto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Herbáceo	C002; C003	Espontânea
Begoniaceae	Beijo	<i>Impatiens walleriana</i> Hook.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Bignoniaceae	Azedinha	<i>Begonia</i> sp.	Herbáceo	C030; C031; C060; C061	Espontânea
	Carobinha do mato	<i>Jacaranda</i> sp.	Árboreo	literatura	Espontânea
Boraginaceae	Confrei	<i>Symphytum</i> sp.	Herbáceo	C019; C045	Cultivada
Bromeliaceae	Erva de baleeira	<i>Varronia verbenacea</i> (DC.) Borhidi	Arbustivo	C036	Espontânea
Cactaceae	Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Campanulaceae	Ora pro nobis	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Trepadeira	C018	Cultivada
Cistaceae	Maria venenosa	<i>Hippobroma</i> cf. <i>longiflora</i> (L.) G. Don	Herbáceo	C022; C023; C056; C057	Espontânea
	Guanandi	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	Árboreo	literatura	Espontânea
	Espécies citadas na Ilha e no Continente				
	Espécies citadas apenas na Ilha				
	Espécies citadas apenas no Continente				

Cont. Apêndice A

	Chapéu de sol	<i>Terminalia</i> sp.	Arbóreo	<i>in loco</i>	Cultivada
Combrataceae	-	<i>Commelina</i> sp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Espontânea
Commelinaceae	Erva de Santa Rita	<i>Dichorisandra</i> sp.	Arbustivo	C034;C065	Cultivada
Convolvulaceae	Ipomeia	<i>Ipomoea</i> cf. <i>cairica</i> (L.) Sweet.	Trepadeira	C047;C048	Espontânea
Crassulaceae	Bálsamo branco	<i>Sedum</i> sp.	Herbáceo	C028	Cultivada
	Fortuna	<i>Kalanchoe</i> sp.	Herbáceo	C043;C044	Espontânea
Dilleniaceae	Cipó caboclo	<i>Davilla</i> sp.	Trepadeira	literatura	Espontânea
Dioscoreaceae	Batata brava	<i>Dioscorea</i> sp.	Trepadeira	C070; C071	Espontânea
Ericaceae	Azaléia	<i>Rhododendron</i> sp.	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Leiteiro-vermelho	<i>Euphorbia cotinifolia</i> L.	Arbustivo	C009;C038	Cultivada
	Pinhão-bravo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Arbustivo	C054	Cultivada
	Mandioca brava	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Avelós	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
Euphorbiaceae	Flor de natal	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd ex Klotzsch	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Coroa de cristo	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Erva amarela	<i>Euphorbia</i> sp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Espontânea
	Rabo de pavão	<i>Codiaeum</i> sp.	Arbustivo	C052	Cultivada
	Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Arbustivo	<i>in loco</i>	Espontânea
	Maricá	<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze.	Arbóreo	C039;C064	Espontânea
Fabaceae	Banana de flor	<i>Erythrina</i> cf. <i>speciosa</i> Andrews	Arbóreo	C080	Espontânea
	Barbatimão	<i>Stryphnodendron</i> sp.	Arbóreo	literatura	Espontânea
	Feijão-bravo	<i>Sophora</i> cf. <i>tomentosa</i> L.	Arbustivo	C001	Espontânea
Geraniaceae	Gerânio	<i>Pelargonium</i> sp.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Hydrangeaceae	Hortensia	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Incenso	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd.	Arbustivo	C013;C014	Cultivada
	Folhagem	<i>Solenostemon</i> cf. <i>scutellaroides</i> (L.) Codd	Herbáceo	C008;C017	Cultivada
Lamiaceae	-	<i>Cleodendron</i> sp.	Arbustivo	C079	Cultivada
	Alfavaca	<i>Ocimum</i> sp.	Arbustivo	literatura	Cultivada
	Folhagem	<i>Cordylone terminalis</i> (L.) Kunth.	Arbustivo	C006;C007;C063	Cultivada
Laxmanniaceae	Algodão	<i>Gossypium</i> sp.	Arbustivo	C011	Cultivada
Malvaceae	Brinco de velha	<i>Malva viscosa</i> sp.	Arbustivo	C072	Cultivada
	Rosa louca	<i>Hibiscus mutabilis</i> L.	Arbustivo	literatura	Cultivada
	Sapateira	<i>Hibiscus</i> sp.	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	-	<i>Hibiscus</i> cf. <i>acetosella</i> Welw. ex Hiern	Arbustivo	C069	Cultivada
Moraceae	Figueira	<i>Ficus</i> sp.	Arbóreo	C081	Cultivada
Nyctaginaceae	Maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
Oleaceae	Limão bravo	<i>Ximenesia americana</i> L.	Arbóreo	literatura	Espontânea
Passifloraceae	Maracujá bravo	<i>Passiflora</i> sp.	Trepadeira	literatura	Espontânea
Peraceae	Tabucua	<i>Pera glabrata</i> (Schott.) Baill	Arbóreo	C037;C059	Espontânea
Phytolaccaceae	Guiné	<i>Petiveria allicea</i> L.	Herbáceo	C084	Cultivada
	Peperomia	<i>Peperomia</i> sp.	Herbáceo	C041	Cultivada
Piperaceae	Erva Cidreira Silvestre	<i>Piper</i> sp.	Arbóreo	C062	Espontânea

	Dedaleira	<i>Digitalis purpurea</i> L.	Arbustivo	literatura	Cultivada
Plantaginaceae	Geloi	<i>Polygonum</i> sp.	Herbacea	<i>in loco</i>	Espontânea
Polygonaceae	Erva do bicho	<i>Polygonum</i> sp.	Herbáceo	C025;C026	Espontânea
Rubiaceae	Erva de Anta	<i>Psychotria nuda</i> (Cham. & Schitdl.) Wawra	Arbóreo	<i>in loco</i>	Espontânea
	Dinheiro em pença (azul)	<i>Coccocypselum lanceolatum</i> (Ruiz e Pav) Pers.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Espontânea
Ruscaceae	Dinheiro em pença (laranja)	<i>Psychotria</i> sp.	Arbóreo	<i>in loco</i>	Espontânea
	Pau d'água	<i>Dracaena</i> sp.	Arbustivo	C015;C016	Cultivada
Rutaceae	Espada de São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort.	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Espada de São Jorge verde	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Herbáceo	<i>in loco</i>	Cultivada
Smilacaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
	Cidra	<i>Citrus medica</i> L.	Arbustivo	<i>in loco</i>	Cultivada
Solanaceae	Japacanga	<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	Trepadeira	C029	Espontânea
	Fumo bravo	<i>Solanum</i> sp.	Arbustivo	literatura	Espontânea
Urticaceae	Saia branca	<i>Brugmansia</i> sp.	Arbustivo	C033	Cultivada
	Urtiga	<i>Fleurya aestuans</i> L.	Herbáceo	literatura	Cultivada
Verbenaceae	Violeteira	<i>Duranta repens</i> L.	Arbustivo	C010	Cultivada
	Bem me quer mal me quer	<i>Lantana</i> sp.	Arbustivo	C049;C050;C051	Espontânea
Zingiberaceae	Erva d'hera	<i>Cissus verticillata</i> L. Nicolson & C.E. Jarvis	Trepadeira	C040;C058	Cultivada
	Napoleão	<i>Hedychium coronarium</i> J. König	Herbáceo	C024	Espontânea
Indeterminada	Nogueira	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Timbó	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Caró	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Cícuta	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Erva Moura	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Pau de óleo	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Bampuí	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Mangue bravo	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Pau sangue	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Guajarana	-	-	muitas espécies	Espontânea
Caferana	-	-	muitas espécies	Espontânea	
Indeterminada	Café bravo	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Olho de cabra	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Capim tenegres	-	-	muitas espécies	Espontânea
	Capixingui	-	-	muitas espécies	Espontânea

7.2 Apêndice B – Plantas citadas: informações complementares II

Família	Etnoespécie	Espécie botânica	Utilidade	Citações/Ilha	Citações/Cont	Parte tóxica	Forma de intoxicação
Acanthaceae	Erva de lagarta	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão de chá
Amaranthaceae	Amica verdadeira	<i>Iresine</i> sp.	Ornamental	1	0	folhas/chá	ingestão
	Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Medicinal	2	2	folhas/chá	ingestão
Anacardiaceae	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Alimentar	0	1	frutos	ingestão/contato
	Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Ornamental	3	2	folhas/casca/chá	ingestão
Annonaceae	Araticum cação	<i>Annona cacans</i> Mart.	Alimentar	1	0	frutos	ingestão
	Jasmim manga	<i>Plumera rubra</i> L.	Ornamental	1	0	flores/leite	ingestão/contato
	Aguai	<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K. Schum.	Ornamental	1	0	leite	contato
	Alamanda	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Ornamental	2	1	planta toda	ingestão
Apocynaceae	Oficial de sala	<i>Asolepias curassavica</i> L.	Tóxica	0	3	planta toda/leite	ingestão/contato
	Espirradeira	<i>Nerium oleander</i> L.	Ornamental	2	0	planta toda/leite	ingestão/contato
	Boa-noite	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão
	Trepadeira	<i>Syngonium</i> cf. <i>argustatum</i> Schott	Ornamental	1	1	planta toda	ingestão
	Imbé	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl	Ornamental	2	0	planta toda	ingestão
	Comigo-ninguém-pode	<i>Diefenbachia</i> spp.	Ornamental	39	28	planta toda	ingestão
	Comigo-ninguém-pode	<i>Aglaonema commutatum</i> Schott var. 1 e var. 2	Ornamental	9	1	planta toda	ingestão
	-	<i>Syngonium</i> sp 1	ornamental	0	1	planta toda	ingestão
	-	<i>Syngonium</i> sp 2	ornamental	0	1	planta toda	ingestão
Araceae	Lírio-da-paz	<i>Spathiphyllum</i> sp.	Ornamental	2	0	planta toda	ingestão
	Taiá	<i>Caladium bicolor</i> L.	Ornamental	8	9	planta toda	ingestão
	Tinhorão	<i>Colocasia</i> sp.	Ornamental	6	4	planta toda	ingestão
	Mandimbé	<i>Philodendron</i> sp.	Ornamental	1	0	planta toda	contato
	Jibóia	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão
	Antúrio	<i>Anthurium</i> sp.	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão
Asphodelaceae	Babosa	<i>Aloe</i> sp.	Medicinal	2	2	folhas/chá/espinhos	ingestão/contato
	Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Medicinal	0	1	planta toda	ingestão
Asteraceae	-	<i>Sphagnetocola trilobata</i> (L.) Pruski.	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão/contato
Balsaminaceae	Matrasto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Tóxica apenas	1	0	folhas	ingestão
Begoniaceae	Beijo	<i>Impatiens walleriana</i> Hook.	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão
Bignoniaceae	Azedinha	<i>Begonia</i> sp.	Medicinal	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
	Carobinha do mato	<i>Jacaranda</i> sp.	medicinal	0	1	folhas	chá
	Confrei	<i>Symphytum</i> sp.	Medicinal	1	1	chá das folhas	ingestão de chá
Boraginaceae	Erva de baleeira	<i>Varronia verbenacea</i> (DC.) Borhidi	Medicinal	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
Bromeliaceae	Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr	Alimentar	1	0	espinhos	contato
Cactaceae	Ora pro nobis	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Medicinal	2	0	folhas cozidas/espinhos	ingestão/contato
Campanulaceae	Maria venenosa	<i>Hippobroma</i> cf. <i>longiflora</i> (L.) G. Don	Tóxica	1	4	planta toda	ingestão
Clusiaceae	Guanandi	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	Outro	1	0	leite	contato
	Espécies citadas na Ilha e no Continente						
	Espécies citadas apenas na Ilha						
	Espécies citadas apenas no Continente						

Cont. Apêndice B

	Chapéu de sol	<i>Terminalia</i> sp.	Ornamental	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
Combretaceae	-	<i>Commelina</i> sp.	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
Commelinaceae	Erva de Santa Rita	<i>Dichorisandra</i> sp.	Ornamental	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
Convolvulaceae	Ipomeia	<i>Ipomoea cf. cairica</i> (L.) Sweet.	Tóxica	1	0	leite	contato
Crassulaceae	Bálsamo branco	<i>Sedum</i> sp.	Ornamental	2	0	folhas/chá	ingestão
	Fortuna	<i>Kalanchoe</i> sp.	Ornamental	1	0	folhas/chá	ingestão
Dilleniaceae	Cipó caboclo	<i>Davilla</i> sp.	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
Dioscoreaceae	Batata brava	<i>Dioscorea</i> sp.	Medicinal	0	1	raiz	ingestão
Ericaceae	Azaléia	<i>Rhododendron</i> sp.	Ornamental	1	2	flores	ingestão
	Leiteiro-vermelho	<i>Euphorbia cotinifolia</i> L.	Ornamental	6	5	leite	contato com corpo/olhos
	Pinhão-bravo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Ornamental	2	2	planta toda/chá	ingestão
	Mandioca brava	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Alimentar	0	1	planta toda	ingestão
	Avelós	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Ornamental	3	5	leite/espinho	contato
Euphorbiaceae	Flor de natal	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd ex Klotzsch	Ornamental	2	1	leite	contato
	Coroa de cristo	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul	Ornamental	1	2	leite	contato
	Erva amarela	<i>Euphorbia</i> sp.	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Rabo de pavão	<i>Codiaeum</i> sp.	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão/contato
	Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Medicinal	1	0	planta toda	ingestão
	Maricá	<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze.	Medicinal	2	0	chá da raiz/espinho	ingestão de chá/contato
Fabaceae	Banana de flor	<i>Erythrina cf. speciosa</i> Andreus	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Barbatimão	<i>Stryphnodendron</i> sp.	Medicinal	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
	Feijão-bravo	<i>Sophora cf. tomentosa</i> L.	Tóxica	1	5	planta toda	ingestão
Geraniaceae	Gerânio	<i>Pelargonium</i> sp.	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão
Hydrangeaceae	Hortensia	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Ornamental	1	0	flores/folhas	ingestão
	Incenso	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd.	Medicinal	1	0	planta toda	ingestão
	Folhagem	<i>Solenostemon cf. scutellaroides</i> (L.) Codd	Ornamental	1	2	planta toda	ingestão
Lamiaceae	-	<i>Cleodendron</i> sp.	Ornamental	0	1	planta toda	ingestão
	Alfavaca	<i>Ocimum</i> sp.	Medicinal	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
Laxmanniaceae	Folhagem	<i>Cordylone terminalis</i> (L.) Kunth.	Ornamental	1	2	planta toda	ingestão
	Algodão	<i>Gossypium</i> sp.	Medicinal	4	0	chá das folhas	ingestão de chá
Malvaceae	Brinco de velha	<i>Malvastrum</i> sp.	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Rosa louca	<i>Hibiscus mutabilis</i> L.	Ornamental	0	1	espinho	contato
	Sapateira	<i>Hibiscus</i> sp.	Ornamental	0	1	planta toda	ingestão
	-	<i>Hibiscus cf. acetosella</i> Welw. ex Hiern	Ornamental	0	3	planta toda/leite	ingestão/contato
Moraceae	Figueira	<i>Ficus</i> sp.	Ornamental	0	1	planta toda	ingestão
Nyctaginaceae	Maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão
Oleaceae	Limão bravo	<i>Ximenesia americana</i> L.	Tóxica	0	1	espinho/frutos	ingestão/contato
Passifloraceae	Maracujá bravo	<i>Passiflora</i> sp.	Tóxica	0	2	frutos	ingestão
Peraceae	Tabucuva	<i>Pera glabrata</i> (Schott.) Bail	Medicinal	1	0	chá da casca	ingestão de chá
Phytolaccaceae	Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Medicinal	0	4	folhas/planta toda	ingestão
	Peperomia	<i>Peperomia</i> sp.	Ornamental	1	0	planta toda	ingestão
Piperaceae	Erva Cidreira Silvestre	<i>Piper</i> sp.	Medicinal	1	0	planta toda	ingestão
Plantaginaceae	Dedaleira	<i>Digitalis purpurea</i> L.	Ornamental	1	0	flores	ingestão

Cont. Apêndice B

	Gelol	<i>Polygala</i> sp.	Medicinal	0	1	planta toda	ingestão
Polygalaceae	Erva do bicho	<i>Polygonum</i> sp.	Medicinal	8	2	planta toda/chá	ingestão
Polygonaceae	Erva de Anta	<i>Psychotria nuda</i> (Cham. & Schitdl.) Wawra	Tóxica	1	0	frutos	ingestão
	Dinheiro em pença (azul)	<i>Coccocypselum lanceolatum</i> (Ruiz e Pav) Pers.	Tóxica	1	0	frutos	ingestão
Rubiaceae	Dinheiro em pença (laranja)	<i>Psychotria</i> sp.	Tóxica	1	0	frutos	ingestão
	Pau d'água	<i>Dracaena</i> sp.	Ornamental	1	1	planta toda	ingestão
Ruscaceae	Espada de São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort.	Ornamental	5	4	planta toda	ingestão
	Espada de São Jorge verde	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Ornamental	3	0	planta toda	ingestão
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Medicinal	0	1	planta toda	ingestão
	Cidra	<i>Citrus medica</i> L.	Alimentar	1	0	espinhos	contato
Smilacaceae	Japacanga	<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	Medicinal	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
Solanaceae	Fumo bravo	<i>Solanum</i> sp.	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Saia branca	<i>Brugmansia</i> sp.	Ornamental	3	0	planta toda	ingestão
Urticaceae	Urtiga	<i>Fleurya aestuans</i> L.	Ornamental	1	4	folhas	contato
Verbenaceae	Violeteira	<i>Duranta repens</i> L.	Ornamental	1	1	frutos	ingestão
	Bem me quer mal me quer	<i>Lantana</i> sp.	Ornamental	1	1	planta toda	ingestão
Vitaceae	Erva d'heira	<i>Cissus verticillata</i> L. Nicolson & C.E. Jarvis	Ornamental	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
Zingiberaceae	Napoleão	<i>Hedychium coronarium</i> J. König	Medicinal	2	1	planta toda/chá	ingestão
	Nogueira	-	Medicinal	1	0	chá das folhas	ingestão de chá
	Timbó	-	Tóxica	1	3	planta toda	ingestão
	Caró	-	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Cicuta	-	Tóxica	1	0	planta toda/chá	ingestão
	Erva Moura	-	Tóxica	1	1	planta toda	ingestão
Indeterminada	Pau de óleo	-	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Bampuá	-	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Mangue bravo	-	Tóxica	1	0	leite	contato
	Pau sangue	-	Tóxica	1	0	leite	contato
	Guajarana	-	Tóxica	0	1	leite	contato
	Caterana	-	Tóxica	0	1	leite	contato
	Café bravo	-	Tóxica	1	2	frutos	ingestão
	Olho de cabra	-	Tóxica	0	2	folhas/sementes/planta toda	ingestão
	Capim tenegres	-	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão
	Capixingui	-	Tóxica	0	1	planta toda	ingestão

Aluna: Juliana Rodrigues Larrosa Oler

Orientadora: Profa. Dra. Maria Christina de Mello Amorozo